



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Gardênia Baffi de Carvalho

**MAPEAMENTO DA CULTURA IMATERIAL NAS PAISAGENS DO
QUILOMBO DO MANDIRA – CANANEIA-SP**

Ourinhos-SP

2015

Gardênia Baffi de Carvalho

**MAPEAMENTO DA CULTURA IMATERIAL NAS PAISAGENS DO
QUILOMBO DO MANDIRA – CANANEIA-SP**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora para obtenção do título de
Bacharel em Geografia pela Unesp – Campus
Experimental de Ourinhos.*

Orientadora: Luciene Cristina Risso

Ourinhos-SP

2015

Banca examinadora

Profª Drª Luciene Cristina Risso (Orientadora)

Profª Drª Andréa Aparecida Zacharias

Profª Drª Fabiana Lopes da Cunha

Ourinhos, 25 de setembro de 2015.

*Dedico às pessoas mais importantes da minha vida na Terra, meus pais.
Aos meus antepassados, minha irmã e meus familiares.
Em especial ao meu primo Áthur, que iria ler meu trabalho, com certeza.
Dedico também a todas as pessoas que acreditam que a verdade está além do visível.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer especialmente ao meu pai Vivaldo e minha mãe Carmen por terem me apoiado, em todos os sentidos, durante minha graduação, graças a eles me tornei a pessoa que sou hoje, fazê-los felizes é a minha maior felicidade. Agradecer a todos os meus familiares e amigos que estiveram comigo apesar da distância e eventuais ausências, em especial a Bárbara. Obrigada a minha irmã Hortência, minha melhor amiga, para a vida toda. Meus padrinhos, que ajudaram na minha formação, minha avó Neide pelos bolos e tricô que faz para mim e meu avô Roberto, nosso maior exemplo. Obrigada aos meus amigos que fizeram os dias em Ourinhos mais felizes, em especial a Aline Camargo, Aline Pedrozo, e o Pedro, grande companheiro que acredita em mim e sempre me incentivou, além de me mostrar que dentro de uma rocha bruta existe um valioso diamante.

Gostaria de agradecer principalmente a instituição Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” por oferecer um ensino público através do qual pude me qualificar e aproveitar todas as oportunidades oferecidas. Obrigada a todos os professores da graduação, em especial a Prof.^a Dr.^a Luciene Cristina Risso, por ter acreditado em mim e aceitar me orientar, sem ela este trabalho não seria possível. Obrigada também às professoras que aceitaram fazer parte da banca, Prof.^a Dr.^a Andréa Aparecida Zacharias, que se mostrou disposta a ajudar e me ajudou muito, sendo solícita e mostrando seu profissionalismo, mesmo com suas diversas responsabilidades, e a Prof.^a Dr.^a Fabiana Lopes da Cunha, que com toda sua alegria tece seus elogios e nos mostra que devemos ter alegria e descontração para lidar com a vida, independente da situação, sem deixar de lado a integridade e o profissionalismo. Obrigada também ao professor e amigo Paulo Mourão, por sempre me apoiar, incentivar, dar dicas, mostrar soluções e ser um exemplo de pessoa que se importa realmente com o próximo.

Obrigada também ao Alexandre Greco, pelo auxílio na elaboração dos mapas, e ao Fábio Domingues, por nos levar para todos os lugares, por mais distantes que fossem, e por nunca atolar o carro.

Não poderia deixar de agradecer ao CENPEA, que possibilitou grandes aprendizados e o início da minha atuação na universidade. Obrigada ao apoio financeiro da Pró-Reitoria de Extensão Universitária, PROEX - UNESP e ao financiamento à pesquisa do Programa de Iniciação Científica da UNESP – PIBIC UNESP.

Espero poder retribuir à sociedade todo o meu aprendizado e, em forma de toda essa gratidão, aplicar meus conhecimentos, desenvolver um bom trabalho e colaborar para a construção de um mundo melhor.

RESUMO

A Paisagem é detentora de materialidade e de imaterialidade, sendo este último o alvo de nosso estudo. O interesse se deu justamente pela área de estudo ser rica em lendas integrantes do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Objetiva-se, portanto, identificar lendas integrantes do universo cultural, da comunidade do Quilombo do Mandira, no município de Cananéia/SP, e espacializá-las, através do mapeamento cultural. Complementadas com fotos das paisagens e desenhos elaborados pela própria comunidade dos elementos simbólicos existentes em seu imaginário, visa entender de que maneira esses simbolismos se fazem presentes na paisagem. Para tanto, o trabalho está pautado nos referenciais teóricos da Geografia Cultural e da Nova Geografia Cultural. Nesta perspectiva, foram realizados dois trabalhos de campo com aplicação de entrevistas, através dos quais obtiveram-se quatro lendas e suas espacialidades sobre as paisagens simbólicas, sintetizadas no mapeamento cultural. Com este trabalho, espera-se contribuir para o universo da Geografia Cultural, trazendo propostas metodológicas para mapeamentos culturais, almejando o entendimento espacial de forma ampla. Destaca-se, também, a importância do retorno dos trabalhos desenvolvidos na academia para a sociedade, através da entrega do mapa final, como forma de contribuição e auxílio para projetos turísticos locais, já que se observa um contínuo crescente desta atividade no quilombo.

Palavras-chave: Nova Geografia Cultural, Paisagem Simbólica, Mapeamento, Quilombo.

ABSTRACT

The landscape holds materiality and immateriality, the latter being the subject of our study. Interest occurred precisely because of the study area is rich in legends members of the Brazilian intangible cultural heritage. The objective is therefore to identify members legends of the cultural spectrum, of the community of Quilombo Mandira, in the city of Cananéia/ SP, and spatializes them, through cultural mapping. Complemented with pictures of landscapes and drawings developed by the community, the existing symbolic elements in its imagery, is to understand how these symbolisms are present in the landscape. To this end, the work is guided by the theoretical framework of Cultural Geography and the New Cultural Geography. In this perspective, there were two field studies with application of interviews, which yielded four legends and their spatiality of the symbolic landscapes, summarized in cultural mapping. This work is expected to contribute to the world of Cultural Geography, bringing methodological proposals for cultural mapping, targeting the spatial understanding broadly. Also noteworthy is the importance of the return of the works developed in academia to society, through the delivery of the final statement, as a contribution and aid for local tourism projects, since it is observed a growing of this activity in the quilombo.

Keywords: New Cultural Geography, Symbolic Landscape, Mapping, Quilombo.

Sumário

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	8
2. OBJETIVOS.....	10
2.1 Objetivo Geral	10
2.2 Objetivos Específicos.....	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3.1 A Geografia Cultural Clássica e a Nova Geografia Cultural.	10
3.2 A evolução do conceito de paisagem na Geografia, desde seus primórdios, chegando então ao conceito de paisagem para a Nova Geografia Cultural.	13
3.3 Paisagem simbólica e cultura imaterial.....	18
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
4.1 Elaboração dos Mapas Temáticos e Imagem de Satélite	23
4.2 O universo da pesquisa	25
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1 A cultura imaterial de Mandira: lendas e contos registrados	33
5.2 Aplicação da oficina e elaboração dos mapas	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
7. REFERÊNCIAS	58

Índices de figuras

Figura 1 - Mapa do Uso e Ocupação da terra do Quilombo Mandira	27
Figura 2 - Mapa da localização da Reserva Extrativista do Mandira.....	29
Figura 3 - Formação litorânea de manguezal - RESEX do Mandira.....	30
Figura 4 - Sede da Associação	31
Figura 5 - Local onde são confeccionados e comercializados os artesanatos	31
Figura 6 - Restaurante e Bar do Ney e Chico.....	32
Figura 7 - Primeiro dia de campo, professoras e alunas com o líder da comunidade, Sr. Chico Mandira	33
Figura 8 - Placa na entrada da comunidade com a indicação de alguns pontos visitados com os turistas	34
Figura 9 - Comida caseira feita pela Dona Irene.....	35
Figura 10 - Sambaqui	36
Figura 11 - Trilha Peabiru, no caminho para o Sambaqui, um dos lugares onde o Saci apareceu.....	37
Figura 12 - Ruína ou Casa de Pedra	38
Figura 13 - Capela onde era realizado o terço cantado	39
Figura 14 - Lagamar, foto tirada da ponte que liga o continente à ilha de Cananéia	41
Figura 15 - Entrada da comunidade - Localização: S 24° 59' 46'', W 48° 02' 07''	43
Figura 16 - Artesanatos, casas e Restaurante do Quilombo	43
Figura 17 – Sr. Chico no Porto Boaciquinha - Localização: S 24° 59' 49'', W 48° 01' 38''	44
Figura 18 - Viveiro de ostras e o manguê	44
Figura 19 - Cachoeira do Rio Mandira - Localização: S 24° 59' 52'', W 48° 03' 19''	45
Figura 20 - Trilha para a cachoeira, Rio Mandira e Ponte do Rio Mandira	46
Figura 21 - Ruína ou Casa de Pedra - Localização: S 25° 00' 10'', W 48° 03' 58''	46
Figura 22 - Trilha Peabiru - Localização: S 25° 00' 10'', W 48° 03' 52''	47
Figura 23 – Sambaqui - S 25° 00' 23'', W 48° 03' 39''	47
Figura 24 - Abacateiro plantado pelo avô do Sr. Chico, no Sambaqui	48
Figura 25 - Desenhos das crianças do Quilombo do Mandira.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 26 - Oficina de desenho com as crianças do Quilombo do Mandira	50
Figura 27 - Imagem de satélite do município de Cananéia e delimitação do Quilombo do Mandira ...	50
Figura 28 - Mapa das curvas de nível do município de Cananéia e a delimitação do Quilombo do Mandira	52
Figura 29 - Mapa hipsométrico da cidade de Cananéia e delimitação do Quilombo do Mandira	53
Figura 30 - Mapa dos pontos do roteiro turístico do Quilombo do Mandira	54
Figura 31 - Mapa da Cultura Imaterial do Quilombo do Mandira	55
Figura 32 - Mapa com todos os pontos turísticos do Quilombo do Mandira	56

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A paisagem é um dos principais conceitos da geografia, que bem como a ciência geográfica sofreu modificações de acordo com as perspectivas adotadas, que foram se modificando com o passar do tempo.

No que tange à Geografia Cultural, Carl Sauer, em 1925, foi o grande representante dessa abordagem, fundando a Escola de Berkeley nos Estados Unidos. Após o auge dos estudos culturais (tradicionais) sauerianos, o conceito de paisagem entra em declínio, em ocasião de outras abordagens (sistêmicas e críticas) e somente em meados dos anos 1970 ganha força e adquire nova perspectiva através dos estudos da Nova Geografia Cultural e Geografia Cultural Humanística.

A Nova Geografia Cultural, representada principalmente por autores como Denis Cosgrove, Augustin Berque e James Duncan conceituam as paisagens como simbólicas, que são aquelas que possuem símbolos que vão além do visível, presentes muitas vezes apenas no imaginário das pessoas, e que estão intimamente ligados à cultura local, e constitui o patrimônio cultural imaterial de uma comunidade ou sociedade.

Sabe-se que no contexto mundial vivido, pequenas comunidades ainda resistem para a manutenção dos elementos ‘tradicionais’ de sua cultura, como danças, lendas, mitos, contos, rituais, modos de fazer, bem como a relação deles com a natureza, e a subjetividade de como enxergam a paisagem de onde habitam são encantadoras e despertam grande interesse, e é então que surge a curiosidade e vontade de entender e pesquisar mais a respeito de sua vida e suas relações com a paisagem, um conceito que possui destaque nas pesquisas culturais da geografia.

A comunidade tradicional, quilombola e caiçara escolhida para o estudo foi a comunidade do Mandira, integrantes do Quilombo e bairro Mandira na área rural da cidade de Cananéia, litoral sul do estado de São Paulo. A comunidade possui um reconhecimento – inclusive internacional – pelo manejo sustentável da ostra, e por ser uma comunidade muito bem organizada e determinada em fazer valer seus direitos enquanto quilombola e a levar adiante sua cultura. O patrimônio natural da comunidade é estonteante: mata nativa muito bem preservada (Mata Atlântica), a Serra do Mandira e a Serra do Boacica, os rios de água cristalina e a cachoeira do Mandira, além do mangue, que é também a principal fonte de renda da comunidade.

Além do patrimônio natural, a comunidade possui grandes riquezas no âmbito do patrimônio cultural material, arqueológico e imaterial. A exemplo do patrimônio material existe a ruína, ou casa de pedra que, de acordo com a comunidade, é uma grande herança da época da escravidão que permanece nas paisagens do Quilombo; o Sambaqui, as áreas de

Sambaqui existentes na terra de Quilombo são também uma herança de povos primitivos, habitantes da região, que constituem o patrimônio arqueológico. Mas além do visível, os elementos mencionados e outros, possuem um significado, uma origem, uma história, uma memória, que por sua vez compõem o patrimônio cultural imaterial do Quilombo do Mandira.

O terço cantado, a culinária, os modos de fazer, bem como os contos e lendas presentes na comunidade, são integrantes do patrimônio imaterial. São elementos que transcendem a visão humana, mas que podem se concretizar de alguma forma, como por exemplo, quando uma comida fica pronta, quando as orações do terço foram registradas em papel; entretanto eles existem a priori na imaginação dos integrantes da comunidade.

Desse modo, a intenção desta pesquisa foi trabalhar com os aspectos do patrimônio imaterial, ou seja, as lendas e contos que existem no imaginário da comunidade, mas que estão inseridos em paisagens específicas do Quilombo. Existem questões a respeito da distinção de lendas e contos populares e também a diferença entre lendas tradicionais e lendas urbanas, mas o que se destaca na comunidade em estudo é a grande presença de lendas tradicionais, que se comprova, sobretudo com livros, a exemplo “Contos, causos e fatos da comunidade do Mandira” de Tiago Marques de Oliveira (2009), o qual teve a possibilidade de ouvir dos próprios integrantes da comunidade algumas das lendas presentes nos livros.

Além do registro das lendas, esse trabalho conta com um mapa, no qual as lendas foram espacializadas e associadas em suas paisagens, juntamente com o desenho feito pelas crianças mandiranas dos “seres lendários”¹ por elas imaginados. É o que se chama de “mapeamento cultural”. Representar materialmente o imaterial foi o desafio do trabalho, uma vez que os geógrafos estão acostumados a mapear apenas elementos visíveis, fenômenos e fluxos. Geógrafos podem sim ir além e representar paisagens simbólicas, buscando uma cartografia com elementos subjetivos que misturem o imaginário, o lúdico, o invisível com o real, dentro de uma perspectiva cultural.

A crescente valorização da atividade turística pela comunidade, recebendo pessoas de todo o Brasil e do mundo, está possibilitando uma grande visibilidade dos Mandira. Todavia as produções cartográficas existentes e disponibilizadas a eles possuem poucas informações. Assim espera-se que essa produção possa ser de grande utilidade para os Mandiranos, uma vez que apresentaria algo inédito e atrativo para os turistas e ao mesmo tempo, subsidiando e reavivando as lendas e contos na realidade diária da comunidade, uma vez que a reprodução da cultura precisa ser contínua para que continuem tendo significado, mesmo que se resignifique.

¹ Os Seres lendários são os seres presentes nas lendas contadas tradicionalmente pela comunidade, como por exemplo o Saci Saperê, a Mulher de Brando, o Homem maior do que os abacateiros, dentre outros.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Essa pesquisa tem como objetivo geral identificar e realizar um mapeamento cultural das lendas pertencentes à cultura imaterial da comunidade tradicional do Quilombo Mandira.

2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do projeto são:

- Contribuir com o registro das lendas locais para o patrimônio cultural imaterial dos mandira;
- Confeccionar diversos mapas temáticos, pela importância e sua possível utilidade para a comunidade (hipsometria e mapa das curvas de nível, da cidade de Cananéia, com a delimitação do Quilombo do Mandira), recorte espacial a partir de imagem de satélite e o mapa dos pontos turísticos, sendo este o que visa subsidiar o turismo de base local.
- Realizar uma oficina de desenho com os membros da comunidade, para que estes subsidiem a elaboração dos mapas da cultura imaterial.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A Geografia Cultural Clássica e a Nova Geografia Cultural.

Na geografia, a década de 1970 se destaca, segundo Corrêa (2011), pelo surgimento de novas perspectivas e a incorporação de novas matrizes epistemológicas, teóricas e metodológicas, com destaque para a fenomenologia, a hermenêutica e, como matriz contrastante a estas, o materialismo histórico e dialético, que tiveram papéis importantes no desenvolvimento da nova geografia cultural, perspectiva a qual este trabalho pretende destacar.

Essa renovação do interesse pela geografia cultural ocorre após o auge dos trabalhos de tradição saueriana e, posteriormente, a um período de retração, em que, de acordo com Claval (2007), os geógrafos hesitaram em dar continuidade a trabalhos fundamentados em perspectivas que consideravam ultrapassadas.

Essa queda dos estudos culturais clássicos se deu, justamente, pelo fato de esta cultura de Sauer em 1925 ser até então analisada a partir de objetos, utensílios e equipamentos utilizados tradicionalmente pelas diferentes culturas. Em certo momento na história mundial, posterior à Revolução Industrial, com as máquinas o mundo moderno foi aos poucos se

homogeneizando, diminuindo as diferenças materiais entre as culturas, o que dificultou e em certos casos impossibilitou esse tipo de estudo, os estudos da geografia cultural. É o que observamos no texto seguinte:

[...] O interesse dos geógrafos pelos fatos de cultura era encontrado no conjunto de utensílios e equipamentos elaborados pelos homens para explorar o ambiente e organizar o seu habitat. A mecanização e a modernização introduzem um arsenal de máquinas e de tipos de construções tão padronizados que o objeto de estudo é esvaziado de interesse. A geografia cultural entra em declínio, porque desaparece a pertinência dos fatos de cultura para explicar a diversidade das distribuições humanas (CLAVAL, 2007, p. 48).

O autor completa ainda que “as técnicas tornaram-se demasiadamente uniformes para deter a atenção; são as representações, negligenciadas até então, que merecem ser estudadas” (CLAVAL, 2007, p. 50), ou seja, com a impossibilidade de estudar as formas, os objetos e as técnicas, a partir de então, o que era anteriormente negligenciado nesses estudos, a exemplo do social, psicológico, do subjetivo, das representações, passa a receber a devida atenção.

Como mencionado anteriormente, Claval (2007) nos escreve que:

[...] a geografia humana nasceu como um ramo das ciências naturais: isto explica o fato de que os geógrafos tenham, por muito tempo, resistido a levar em consideração certas dimensões da realidade humana e tenham sido mais sensíveis à diversidade das paisagens que à originalidade dos homens e das iniciativas que tomam” (CLAVAL, 2007, p. 52)

Com a renovação teórica, em meados dos anos de 1986 e 1987, começam a falar em New Cultural Geography (CLAVAL, 2007), da qual destacam-se autores como Denis Cosgrove, Augustin Berque, James Duncan, entre outros. Cosgrove e Jackson, precursores dessa nova geografia, anunciam como metas desta:

[...] considerar, de modo contextualizado e fortemente apoiado na teoria, o presente e o passado, os aspectos sociais e espaciais, as áreas rurais e urbanas; ver a contingência como um elemento crucial para a inteligibilidade da cultura; transformar em objetos de investigação as ideologias dominantes e as formas de resistência. A nova perspectiva combina influências da filosofia do significado, do materialismo histórico e dialético e da geografia social apoiada na antropologia com a própria tradição (CORRÊA; ROSENDAHL, 2000, p.11).

Corrêa (2011) chama de heterotópica a combinação de distintas fontes que deram origem e fizeram emergir a nova geografia cultural, enquanto Cosgrove & Jackson (2014) sugerem como uma possível definição para essa heterotopia emergente como sendo:

[...] contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência. Para a “nova geografia” a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada,

contestada e constituída. (COSGROVE; JACKSON, 1987 apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2014, p. 136).

Diante da emergência da geografia humanista e da geografia crítica, Claval (2002) afirma que na geografia cultural ocorre uma mudança significativa, haja vista que esta deixa de ser tratada como um subdomínio da geografia humana, posicionando-se no mesmo patamar da Geografia Econômica ou da Geografia Política. A partir desta grande reformulação na década de 1970, as décadas seguintes não apresentam uma estagnação, ao contrário, segundo Corrêa (2009), na década seguinte configura-se uma nova versão e em 1990 surgem periódicos especializados, inicialmente na França, Inglaterra e Estados Unidos. A revista *Oecumene* simboliza a ressurreição, segundo Claval (2007), da geografia cultural e suas renovações.

As mudanças e a renovada retomada dos estudos culturais chegam também ao Brasil². Este país pode ser considerado um dos mais ricos e diversos do mundo, o que o torna um terreno fértil de estudos para os geógrafos culturais. A colonização movimentou povos de todo o mundo, colocando todos sobre o mesmo território e, de acordo com Claval (1999), os protagonistas desse movimento são:

[...] a) a das populações indígenas, hoje reduzidas a contingentes mínimos, mas cuja diversidade é espantosa, embora os grupos de língua tupi-guarani dominassem no momento da chegada dos europeus; b) a das populações trazidas ao Brasil pela escravidão; c) e as oriundas dos colonizados portugueses. A isto se acrescenta a contribuição dos grupos que imigraram após a Independência, obtida em 1822: alemães, poloneses, italianos, judeus da Europa central ou oriental, sírios-libaneses, etc (CLAVAL, 1999, p. 9).

No ano de 1993, a geografia cultural ganha existência no Brasil, com a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC), do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e com o lançamento da coleção de livros Geografia Cultural e do periódico Espaço e Cultura. Corrêa (2009) considera que a partir daí está plenamente estabelecido no país esse ramo da geografia. É importante ressaltar que, para Claval (1999), na geografia cultural, como corrente de pesquisa específica, mesmo tendo se desenvolvido no Brasil somente após o início dos anos 1990, as preocupações culturais estão presentes na maioria dos estudos aqui publicados, desde que a geografia se tornou uma disciplina universitária no Brasil, nos anos 1930.

² Passou por um processo histórico de formação territorial e populacional que fomentou o surgimento de uma grande diversidade cultural.

3.2 A evolução do conceito de paisagem na Geografia, desde seus primórdios, chegando então ao conceito de paisagem para a Nova Geografia Cultural

A paisagem se apresenta como um conceito chave na geografia e, de acordo com Risso (2008), sempre esteve presente na Ciência geográfica e sua história se desenvolve ao longo do tempo. O conceito vem sendo discutido e estudado, segundo Schier (2003), desde o século XIX, para o entendimento das relações sociais e naturais de determinados espaços. O conceito de paisagem, de acordo com Risso (2008), é essencialmente polissêmico e dinâmico, já que ao longo da história do pensamento geográfico teve múltiplas interpretações de acordo com a abordagem geográfica.

Os fundamentos culturais eram estudados, inicialmente, dentro da geografia humana, traduzida por Vidal de La Blache e o grupo de pesquisadores por ele estimulado, como “antropogeografia”. Ratzel também se dedica a esses estudos (CLAVAL, 2007), sendo a cultura uma das variáveis mais importantes de sua Geografia Política. Claval (2007, p. 23) nos mostra que “Otto Schluter (1872-1959) redige em 1907 uma curta brochura na qual faz da paisagem o objeto da geografia humana, o eco que encontra esta publicação é considerável”.

Contudo esta cultura estudada “é, sobretudo analisada sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço” (CLAVAL, 2007, p. 22), La Blache, assim como Ratzel, se preocupavam em descrever e explicar aquilo que viam, assim como era o método tradicional de análise geográfica da época. A geografia humana surge como um ramo, um apêndice da geografia física, por isso uma análise mais material e concreta sobre a paisagem é realizada. Tempos depois, com Carl Ortwin Sauer (1889-1975), a mesma tendência é seguida e o autor se consagra nos estudos culturais fundando a escola americana de Berkeley (CLAVAL, 2007). E então o êxito da geografia cultural americana começa, trinta anos após os primeiros trabalhos alemães neste domínio (SPENCER, 1978 apud CLAVAL, 2007).

Em meados da década de 1920, a geografia cultural possuía uma visão clássica e tradicional sustentada, principalmente, por Carl Sauer, que, de acordo com Risso (2008, p. 69), foi quem “apresentou a noção de paisagem natural e paisagem cultural à Geografia norte-americana. Carl O. Sauer surgiu como o precursor do resgate dos estudos da paisagem ao fundar a escola de Berkeley, em 1922”. Segundo Sauer:

[...] As ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. A paisagem cultural então é sujeita à mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas (SAUER, 1998, p.42).

Até então a paisagem era vista, de acordo com Corrêa (1997, p. 50), como “o objeto capaz de conferir unidade e identidade à geografia”. No entanto, após assumir um papel

secundário, sendo deixada de lado pelos principais geógrafos da época, foi que juntamente com a geografia cultural, segundo Cosgrove (1985, p. 45), “landscape fell from favour in the 1950s and 1960s”. Mas depois da década de 1970, o conceito de paisagem é redescoberto, é o que observamos quando Cosgrove (2008) nos escreve:

[...] For some, landscape is the principal object of geographical science, to which the great twentieth-century American geographer Carl Sauer and many of his students devoted lifetimes of field study and teaching. Since Sauer's death in 1975 a generation of geographers has rediscovered landscape, conceptually (COSGROVE, 2008, p. 1).

Assim, na década de 1970, o conceito ressurgiu como conceito chave e é novamente valorizado pelos geógrafos, juntamente com a geografia humanística.

[...] Desde que, em 1976, Yi-Fu Tuan propõe falar simplesmente de abordagem humanista, a partida está ganha, a nova corrente aparece como um dos componentes indispensáveis de toda *démarche* geográfica. Insistindo sobre o sentido dos lugares sobre a importância do vivido, sobre o peso das representações religiosas, torna indispensável um estudo aprofundado das realidades religiosas, torna indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais, é necessário conhecer a lógica profunda das ideias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que as pessoas têm do mundo e como influem sobre sua ação. (CLAVAL, 2007, p. 53).

Nesta mesma época surge a nova geografia cultural e, com ela, uma nova abordagem do conceito de paisagem. Corrêa (1997) salienta:

[...] Na retomada do conceito de paisagem novas interpretações, novos modos de aborda-la emergem, enriquecendo a geografia em seu papel de tornar o mundo mais inteligível. Paisagem natural, paisagem cultural, paisagem como vitrine e como matriz cultural, paisagem da cultura dominante, paisagem residual, paisagem emergente, paisagem excluída, paisagem do medo e paisagem do desespero são algumas das acepções e leituras feitas pelos geógrafos [...] (CORRÊA, 1997, p. 50).

Para aqueles que se interessam pela geografia cultural, a paisagem se torna um fascinante objeto de estudo; comentando sobre os habitantes atuais e os de outrora, os que modelam e já modelaram aquela paisagem, as histórias, os sentimentos e os acontecimentos do passado que se projetam no presente. Justamente por lidar com subjetividades, as interpretações das paisagens agora não são tão simples e fáceis (CLAVAL, 2007).

Nestas subjetividades estão inclusos, segundo Risso (2008)

[...] os sentimentos em relação às paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades e territorialidades, que, segundo o tipo de experiência com a Natureza, ou percepção, reflete diferentes sentimentos e comportamentos em relação a ela. Para cada pessoa ou grupo a paisagem terá um significado, porque as pessoas atribuem valores e significados diferentes às suas paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento ou desapego aos lugares (RISSO, 2008, p. 72).

O conceito agora possui novas implicações que dão mais importância a valores, questões humanas e, como aponta Cosgrove, (1985, p.45) “the landscape concept in geography has recently been adopted by humanistic writers because of its holistic and subjective implications”. O autor completa ainda escrevendo que:

If traditional geographical studies of landscape stressed the outsider's view and concentrated on the morphology of external forms, recent geographical humanism seeks to reverse this by establishing the identity and experience of the insider (COSGROVE, 1984, p. 38).

Ou seja, se anteriormente estudavam-se apenas as formas, agora as identidades são estabelecidas, identificadas e analisadas.

Desta forma, a partir da abertura de novos campos de visão, dessa ampliação dentro da geografia cultural, os geógrafos brasileiros se interessam por essa nova abordagem, ainda mais com um terreno tão vasto para trabalhar e múltiplos caminhos para seguir (CLAVAL, 1999). O momento não é mais de dúvida ou medo em relação à exploração de novas representações e modelos. Deste modo, a paisagem constitui um dos principais estudos dentro da geografia cultural brasileira e do mundo.

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2000), a análise dos múltiplos significados da paisagem soma-se a outro termo-chave: a imaginação, com base no que escreveu Denis Cosgrove em “Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação” (2000). O autor considera então “a imaginação a categoria central da geografia cultural, que possibilita analisar criticamente o infindável processo de metamorfose do espaço geográfico” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2000, p.12).

Entretanto é interessante destacar que a geografia cultural à moda francesa, de acordo com Claval (2007), não rompe totalmente com os estudos tradicionais, não renuncia ao estudo dos aspectos materiais da cultura, ela apenas o aprimora, dando importância agora a outras perspectivas. Ainda assim destaca a importância de Denis Cosgrove neste novo olhar que se estabelece, quando escreve que:

[...] A paisagem passa a ser analisada como forma simbólica, sendo a temática, a partir dos anos 70, resgatada sob um novo olhar. Nesse resgate renovado, Denis Cosgrove teve papel crucial graças à qualidade de suas reflexões teóricas e estudos empíricos realizados, sobretudo no momento oportuno da ruptura (CORRÊA, 2011, p. 12).

Cosgrove, autor que tem papel importante na nova geografia cultural, em seus trabalhos desconecta a paisagem da visão saueriana, em que esta aparece como resultado da cultura agindo, com o tempo, sobre a paisagem natural, a paisagem agora “não é apenas o

produto, mas um agente ativo que desempenha importante papel na reprodução da cultura” (CORRÊA, 2011, p. 13).

Sobre o surgimento dessa nova ideia de paisagem, Corrêa (2011, p. 12) escreve que “a ideia de paisagem que emerge vincula-se à ação prática em um período de transformações na sociedade, envolvendo a apropriação e o controle do espaço, incluindo-se as mediações, as representações cartográficas e a pintura”. Ainda segundo Corrêa (2011, p. 10), a paisagem se apresenta agora também como forma simbólica, impregnada de valores e não apenas “forma material resultante da ação humana transformando a natureza”, é o que observamos abaixo quando Cosgrove (1984) escreve:

[...] While landscape obviously refers to the surface of the earth, or a part thereof, and thus to the chosen field of geographical enquiry, it incorporates far more than merely the visual and functional arrangement of natural and human phenomena which the discipline can identify, classify, map and analyse. Landscape shares but extends the meaning of ‘area’ or ‘region’, both concepts which have been claimed as its geographical equivalents. As a term widely employed in painting and imaginative literature as well as in environmental design and planning, landscape carries multiple layers of meaning (COSGROVE, 1984, p. 13).

Neste novo momento, a principal característica assumida pela paisagem é que esta, como escreve Cosgrove (1998), possui significados simbólicos e para sua compreensão é necessária então a apreensão desses significados pois, segundo Corrêa (2011), só assim encontrar-se-á seu sentido. A apreensão desses significados se faz necessária e nem sempre estes são facilmente identificáveis. Por vezes, além de fazerem parte da cultura de determinado grupo, que apresenta suas particularidades, os símbolos são imateriais, se materializam de alguma forma na paisagem, mas não os enxergamos efetivamente, assim seu entendimento e percepção se fazem necessários.

A Paisagem é constituída de materialidade e imaterialidade. A materialidade constitui as formas naturais e sociais presentes e a imaterialidade é constituída pelos símbolos, identidade, memória, modos de fazer, lendas, mitos etc. Para Cosgrove (1998), a paisagem vai além da materialidade, é simbólica, ou seja, é a expressão coletiva da experiência humana, é memória, mito, iconografias etc. Bonnemaïson (2002) nos escreve que a paisagem possui geossímbolos, que, segundo ele, podem ser algo material como um lugar ou um itinerário, que sob a visão de certos grupos étnicos, por motivos religiosos, mesmo culturais ou políticos, possuem uma dimensão simbólica que fortalece a identidade deste determinado grupo.

A paisagem, sendo então não apenas um produto resultante da ação do Homem, como nos escreve Corrêa (2011), mas também influencia à cultura de determinados grupos, de modo geral, a cultura se revela na paisagem, através de símbolos. As ações humanas estão dotadas de significados, as ações humanas são simbólicas, de modo que os símbolos são

transferidos para o meio onde vivem e constroem seu modo de vida, assim como influenciam as ações humanas.

[...] In other words landscape denotes the external world mediated through subjective human experience in a way that neither region nor area immediately suggest. Landscape is not merely the world we see, it is a construction, a composition of that world. Landscape is a way of seeing the world (COSGROVE, 1984, p. 13).

Por isso, na visão do geógrafo cultural, a paisagem possui um sentido mais complexo, pelo fato de seus componentes irem além do que se pode enxergar, além do visível, o que tange à imaterialidade, ao simbólico, que nos pede uma interpretação. Sob a visão de um dos principais geógrafos culturais, temos a reflexão de que a paisagem, a partir da nova geografia cultural:

[...] passa a ser considerada uma imagem cultural, “um meio pictórico de representar ou simbolizar tudo o que circunda o ser humano, então pode ser estudada através de vários meios e superfícies: por intermédio da pintura sobre tela, da escrita sobre papel, das imagens gravadas em filme, e mesmo da terra, da pedra, da água e da vegetação sobre o solo” (DANIEL e COSGROVE, 1987). Cada um desses meios revela significados que os grupos humanos atribuem às áreas e aos lugares, e permite relacionar estes significados a outros aspectos e condições da existência humana. (COSGROVE; JACKSON, 2014, p. 137).

Segundo Cosgrove apud Cosgrove & Jackson (2014, p. 139) “a paisagem é concebida como a história de um modo de ver e de representar”:

[...] The argument here is that the landscape idea represents a way of seeing – a way in which some Europeans have represented to themselves and to others the world about them and their relationships with it, and though which they have commented on social relations. Landscape is a way of seeing that has its own history, but a history that can be understood only as part of a wider history of economy and society; that has its own assumptions and consequences, but assumptions and consequences whose origins and implications extend well beyond the use and perception of land; that has its own techniques of expressions, but techniques which it shares with other areas of cultural practice (COSGROVE, 1984, p. 1).

De acordo com Berque (1984) apud Claval (2007), as paisagens trazem a marca das culturas e, ao mesmo tempo, as influências. Uma vez que “a visão unitária de Cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar” (COSGROVE; JACKSON, 2014, p. 142), os estudos avançaram e se ampliaram, a riqueza cultural do nosso país e do mundo pôde ser valorizada ainda mais e analisada com mais atenção e cuidado. Cosgrove (1985) também nos escreve: “Landscape seems to embody the holism which modern humanists proclaim”, no mundo moderno as coisas não são como antes, sendo de extrema importância essa acontecida renovação. A respeito dos dias atuais, Claval (2007) nos escreve por fim:

[...] Não há compreensão possível das formas de urbanização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais. Eles explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passado e à conservação das paisagens (CLAVALL, 2007, p. 420).

Nota-se que desde meados do século XIX observa-se na história do pensamento geográfico a importância dos aspectos culturais no estudo do espaço. Com o tempo, e ao considerar a paisagem como o principal objeto de estudo da geografia cultural, as concepções vão evoluindo e trabalhos mais atuais sucedem trabalhos que, para alguns, já possuem uma visão ultrapassada. Foi assim com o conceito de paisagem e com a geografia cultural que passa então a se tornar “nova geografia cultural”, possuindo concepções mais subjetivas com relação à análise da paisagem, destacando a subjetividade embutida nela, que muitas vezes não conseguimos enxergar, mas existem e interferem de modo significativo na vida dos habitantes de uma comunidade.

Fica claro que se não houvesse essa renovação, os estudos atuais estariam prejudicados ou até mesmo não existiriam, pelo fato de cada dia mais os mesmos hábitos, técnicas e objetos serem usados no mundo como um todo, independente da cultura. Poucas sociedades ainda conservam suas tradições, suas raízes e são essas as quais denominamos “comunidades tradicionais”. Comunidades tradicionais são muito estudadas pelos geógrafos culturais hoje em dia, uma vez que a sociedade urbana vem se homogeneizando de tal forma que um estudo cultural não se torna tão fácil. Mas é possível, uma vez que se faz necessário para entender o espaço urbano.

A paisagem nessa nova perspectiva teórica é um tema fundamental dentro da geografia cultural, percebe-se um crescimento desses estudos em diferentes centros de pesquisa geográfica no Brasil, destacando-se os trabalhos do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura) da UERJ. Podemos dizer que a nova geografia cultural oferece um campo de estudos fértil e que vem crescendo e ganhando a cada dia mais adeptos.

3.3 Paisagem simbólica e cultura imaterial

A Paisagem constituindo-se de imaterialidade para Cosgrove (1998) é simbólica, ou seja, é a expressão coletiva da experiência humana e, de acordo com o autor (COSGROVE, 2004), para se entender essas expressões impressas na paisagem por uma cultura necessitamos de um conhecimento sobre a “linguagem” empregada (o símbolo e seus significados em determinada cultura), uma vez que “os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica” (COSGROVE 2004, p.108).

Considerando que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE 2004, p.108), considera-se o fato de que “as sensações também compõem a paisagem e estão ligadas às crenças, à fé, às religiões” (FREIRE, 2012, p. 5), bem como a identidade, a memória, modos de fazer, lendas etc. Esses componentes não sendo concretos, são imateriais, estão presentes na imaginação humana.

Os símbolos emergem do ato imaginativo, que segundo Cosgrove (2000, p. 40) é “inerente ao ser humano, de ler o mundo natural simultaneamente como um objeto e como um signo cujo significado vai além de si próprio”. A imaginação, de acordo com Almeida apud Freire (2012, p. 13), “é a faculdade de evocar imagens ausentes, fictícias, irreais”. Portanto, “a paisagem está no imaginário e o imaginário está na paisagem” (FREIRE, 2012, p. 2).

Bonnemaison (2002) utiliza o conceito de geossímbolos, que o autor define como sendo:

[...] a verificação terrestre de mitos, a fonte de poderes cósmicos e os fundamentos da organização social. Essa geografia sagrada desenhava na terra as letras de uma linguagem simbólica, uma espécie de escrita codificada a partir da qual o grupo lê, difunde e reproduz sua própria visão de mundo (BONNEMAISON, 2002 p. 106).

Deste modo, buscando compreender estes elementos da paisagem simbólica, uma vez que nos dias de hoje os geógrafos culturais se concentram bastante no significado (COSGROVE, 2000), é feito um recorte nas lendas, como um exemplo significativo de constituição da identidade cultural de um grupo humano (COSGROVE, 2000).

As lendas e mitos fazendo parte do imaginário das pessoas, das comunidades, integram também a paisagem, que não é composta apenas por aspectos materiais, e integra, portanto, esse universo simbólico. A compreensão de conceitos e a dinâmica de algumas relações se fazem necessárias, iniciando, pois, com o próprio mito, que é comumente confundido com as lendas.

Ao iniciar pelo mito, Campbell (1990) nos escreve que este busca o sentido para a experiência da vida, cujas histórias sobre a sabedoria de vida fazem parte da mitologia e pode ainda ser visto como pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, aquilo que o ser humano é capaz de conhecer e experimentar interiormente, condutores de uma experiência espiritual e campo de referência daquilo que é absolutamente transcendente. Resumidamente, o autor vê como “tema básico de toda mitologia: o de que existe um plano invisível sustentando o visível” (CAMPBELL, 1990, p. 76). Uma narrativa que nasce, segundo Campbell (1990), em uma determinada sociedade, comunidade, civilização, num campo delimitado, e serve como base para ela. Narrando basicamente experiências e lições de vida,

sempre com a mensagem que deseja transmitir escondida, segundo Rocha (1996), o que o mito deseja dizer não é explicitado literalmente, não é objetivo, é necessária uma interpretação do mesmo.

Já as lendas têm como peça fundamental a oralidade que, de acordo com Martins e Silva (2013), é a responsável pela transmutação do fato, uma vez que este sofre influência do imaginário popular, chegando então à lenda. Assim, segundo Martins apud Silva; Filha (2013, p.03), "a lenda é misto de realidade e fantasia [...] possui um núcleo real, em torno do qual se somam acréscimos oriundos da imaginação popular".

Sendo então uma narrativa, que para Dion (2008), baseado nos estudos de Bergeron (1988), revela certa subjetividade, incorporados fatos reais, históricos, mas também elementos do extraordinário e sobrenatural. A lenda "explora os valores morais de uma comunidade trazendo à luz tanto um exemplo a seguir, um modelo de indivíduo, tanto um contra-exemplo, um desvio de comportamento a ser evitado" (DION, 2008, p. 03). Talvez algo que resuma a noção do autor de lenda seja que esta é "uma reinterpretação de fatos" (DION, 2008, p. 03).

As lendas estão presentes no imaginário de uma pessoa e/ou comunidade, imaginário este que compõe a paisagem simbólica e faz parte da cultura imaterial e que ganha destaque também quando no âmbito patrimonial, abordado pela UNESCO e pelo IPHAN.

De acordo com a Organização das Nações Unidas e UNESCO (2003), a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais representadas por uma comunidade ou um grupo de indivíduos é amplamente reconhecida em todo o mundo, mas por vezes o invisível ou impalpável não é visto com a mesma importância ou mesmo reconhecido, porém:

[...] não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais, contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção imaterial da herança cultural dos povos, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial (UNESCO, 2003).

Diante disto, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), juntamente com a Convenção da UNESCO sobre a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (2003), partilha da definição de patrimônio cultural imaterial com proposições e implementações de políticas públicas (Decreto nº 3.551/2000) direcionado para o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que constituem o patrimônio cultural brasileiro.

Segundo o IPHAN:

[...] em meio ao fenômeno da crescente massificação cultural, ocorrido nas últimas décadas, perceber a importância e ativar mecanismos para a preservação e a promoção das tradições populares, os saberes, as manifestações culturais e lugares onde elas se realizam, significou não somente um avanço setorial no campo em questão, mas um alinhamento a políticas mais amplas de valorização da cidadania e respeito à diversidade cultural (IPHAN, 2014, p.5).

Partindo da definição dada pelo IPHAN, segundo a UNESCO (2003), de que o Patrimônio Cultural Imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais passando seus conhecimentos aos descendentes, entende-se que as lendas, memórias, contos, mitos de uma comunidade, bem como a culinária, suas danças, rituais, modos de fazer etc., que são passados de geração para geração se enquadram nessa categoria.

Alguns autores veem a cultura, os estudos da geografia cultural e a realização desses estudos numa perspectiva a qual esta se reduz a:

[...] um simples “resíduo”, ou ainda a uma vaga superestrutura, uma espécie de “guloseima” intelectual oferecida aos pesquisadores que buscam esteticismo ou religiosidade. Já as pessoas serias se dedicariam àquilo que é “científico”, isto é, o social e o econômico. Uma tal abordagem, essencialmente redutora, separa o homem de uma parte de si mesmo e empobrece o campo da pesquisa (BONNEMAISON, 2002 p. 106).

Por isso a cultura é importante e realmente merece destaque, pois é o que difere o modo das pessoas verem o mundo, segundo Benedict apud Laraia (2001, p. 67), "a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo". Laraia (2001) escreve ainda que:

[...] O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2001, p. 68).

Por sua vez, a geografia cultural, segundo Cosgrove:

[...] lida, por definição, com grupos humanos, suas interrelações e ações coletivas transformando a natureza [...] os valores e crenças compartilhados constituem a imaginação coletiva e definem a cultura não material [...] Por essa razão, os geógrafos culturais interessados na questão do significado do mundo têm-se dedicado cada vez mais ao papel simbólico da linguagem em nossas relações com o mundo natural (COSGROVE, 2000, p. 39).

Para compreender, pois, esses elementos simbólicos da cultura, inseridos na paisagem, são buscadas evidências, como escreve Cosgrove:

[...] O tipo de evidência que os geógrafos usam agora para interpretar o simbolismo das paisagens culturais é muito mais amplo do que no passado. Evidência material no campo e outras fontes documentais e cartográficas, orais, de arquivo e outras

continuam valiosas. Mas frequentemente encontramos a evidência nos próprios produtos culturais: pinturas, poemas, romances, contos populares, músicas, filmes e canções podem fornecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, expressam e evocam, como fazer fontes convencionais “factuais” (COSGROVE, 2004, p. 110).

Logo, para a leitura dos símbolos inseridos na paisagem e sua “decodificação geográfica”, como menciona Cosgrove (2004), os dois principais caminhos “são o trabalho de campo e a elaboração e interpretação de mapas” (COSGROVE, 2004, p. 109), de modo que ao desenvolver o conhecimento sejam geradas respostas que possam ser refletidas e honestamente reconhecidas nos textos da geografia (COSGROVE, 2004). O autor ainda nos escreve que “os resultados de nosso estudo são comunicados primeiramente através dos textos que nós mesmos produzimos” (COSGROVE, 2004, p. 110).

No âmbito da cartografia, da elaboração de mapas, segundo Bonnemaïson (2002, p. 125), “nós, geógrafos, temos cartografado até o presente somente estruturas ou dados objetivos: dados físicos, lugares de produção e de fluxos econômicos. Resta-nos, talvez, inventar uma cartografia nova que represente o campo cultural vivido pelos grupos humanos”. O autor nos escreve sobre a realização de uma cartografia do campo cultural, como sendo uma consequência desta abordagem “geocultural”, que seria “um ensaio de transcrição no espaço do universo mental que constrói, ao mesmo tempo, a função social e a função simbólica.” (BONNEMAISON, 2002 p. 124).

Corrêa (2011) escreve que, de acordo com Cosgrove, é possível construir “mapas de significados”, algo que ampliaria o propósito da geografia cultural:

[...] Segundo Cosgrove, os mapas devem incluir, além de representações derivadas de números, tudo aquilo que é “lembrado, imaginado e contemplado (...) material ou imaterial, real ou desejado, do todo ou da parte (...) vivenciado ou projetado” (p.2). (CORRÊA, 2011, p. 16).

Agora, mapear a cultura imaterial, mapear o imaginário é algo novo e desafiador e, segundo Perdomo (2014, p. 180), “el desafío actual es encontrar una forma de cartografiar los significados”, que seria aquilo que Bonnemaïson considera como “una nueva cartografía que rerepresentaría el [paisaje] cultural vivido por los grupos humanos” (BONNEMAISON, 1981 apud PERDOMO, 2014, p.180).

Todo esse estudo deve ser realizado e quando a abordagem envolve comunidades tradicionais, segundo Bonnemaïson, “o estudo leva todo pesquisador a se interrogar um dia sobre o que existe para além das geoestruturas e sobre a realidade de um espaço cultural que ele mais pressente do que percebe” (BONNEMAISON, 2002 p. 105).

De acordo com o que Cosgrove (2004, p. 115) escreve sobre as paisagens simbólicas, estas “não são apenas afirmações estáticas, formais. Os valores culturais que elas celebram

precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado”. Os valores culturais podem ser reproduzidos de forma oral ou através de registros escritos ou em desenhos, ou até mesmo através de um mapa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi baseada em levantamento bibliográfico e leituras que serviram de base para o desenvolvimento desta, pautadas nos referenciais da Geografia Cultural, no estudo de lendas, comunidades tradicionais, paisagem simbólica e os princípios da cartografia temática no campo cultural.

Em seguida, foi realizado um trabalho de campo na área de estudo, no dia 15 de julho do ano de 2014. Indo até o local e conversando com membros da comunidade, foi possível a obtenção de informações através de diálogos e conhecimento local, que apenas o trabalho de campo proporcionaria. Um dia inteiro foi dedicado ao conhecimento da comunidade, o líder da comunidade, atual presidente da “Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo da Reserva Extrativista do Mandira”, o Sr. Francisco de Sales Coutinho Mandira, mais conhecido como Sr. Chico Mandira, nascido na comunidade no ano de 1957, contou sobre o histórico da comunidade e suas peculiaridades. A entrevista aberta foi realizada utilizando um Gravador Digital de Voz Panasonic RR-US450 para o seu registro. Além das informações coletadas, que nos ajudam a compreender a atual configuração da comunidade, pudemos conhecer o território do Quilombo e coletar com um receptor de rádio GPS *Garmin Etrex Legend H* pontos onde se localizam as lendas mais influentes da comunidade, o qual seria o principal objetivo do campo. Foi coletado um total de oito pontos.

Outro trabalho de campo foi realizado nos dias 16, 17 e 18 de julho de 2015. A hospedagem foi no próprio quilombo, na casa do Sr. Chico Mandira, que possibilitou um contato maior com os membros da comunidade. Foram coletados mais pontos com o uso do rádio receptor GPS e foi também realizada uma oficina de desenho, na qual foi solicitado que as crianças da comunidade desenhasssem as lendas e os seres protagonistas das lendas presentes na comunidade, de forma a concretizar e expressar aquilo que existe apenas no imaginário.

4.1 Elaboração dos Mapas Temáticos e Imagem de Satélite

Primeiramente foram elaborados três mapas de Cananéia, município onde se localiza a comunidade do Quilombo do Mandira com a delimitação e localização do mesmo, sendo estes: o mapa com a imagem de satélite do município, o mapa com as curvas de nível e o

mapa hipsométrico. A delimitação da terra de quilombo foi disponibilizada pelo Itesp, já no formato shapefile, para ser trabalhada no SIG ArcGIS.

- a) Imagem de satélite: Para o recorte espacial realizado a partir da imagem de satélite do município foi utilizada uma imagem de satélite adquirida nos arquivos do satélite *Landsat 8*, no endereço eletrônico earthexplorer.usgs.gov. Foi encontrada uma imagem, dentre várias, cuja cobertura de nuvens era pequena em comparação às demais, e o trabalho poderia ser realizado sem grandes perdas na análise do uso da terra. No SIG utilizado, o ArcGIS 9.3, a partir da imagem baixada, adicionando a malha municipal do estado de São Paulo do ano de 2007, disponível no site do IBGE, selecionando apenas o município de Cananéia, o de nosso interesse, e a delimitação da área do Quilombo do Mandira, e ao adicionar as bandas 3, 5 e 6, foi criado então um raster. Sendo então possível verificar a área de mata e de água; a área de ocupação urbana foi vetorizada e destacada.
- b) Curvas de nível: O mapa das curvas de nível foi elaborado a partir da SRTM da região, também adquirida pelo site da EMBRAPA. Destaca-se o fato de a área de estudo se encontrar justamente no limite entre as quatro cartas de 1:250.000, o que torna o trabalho mais complexo e com mais etapas, pois se faz necessário o manuseio e a repetição quadriplicada dos mesmos procedimentos para então juntá-las e apresentar a informação que queremos dentro do limite municipal. Com as cartas dentro do limite municipal, também selecionado a partir da malha municipal do Estado de São Paulo de 2007, disponibilizada pelo IBGE, são geradas as curvas de nível, a partir da SRTM. Pelo fato de a área de estudo se localizar numa região de serra, e o ponto mais baixo se tratar do nível do mar, um intervalo que começasse em 10 ou 20 metros impossibilitaria a visualização do braço do mar que adentra no município, isolando a ilha de Cananéia, que se encontra em níveis menores de altitude, informação importante a respeito do município que não poderia simplesmente ser omitida. As cores utilizadas nas curvas de nível são selecionadas a partir da sugestão de convenções cartográficas e da semiologia gráfica, para facilitar a visualização e entendimento quanto à diferença de altitude das curvas.
- c) Mapa Hipsométrico: Por fim, o mapa hipsométrico do município de Cananéia foi gerado a partir das curvas de nível e adicionado o *shape* da delimitação da terra de quilombo do Quilombo do Mandira. Todos esses procedimentos foram realizados no ArcGIS e em algumas etapas com o auxílio do *QuantumGIS*.

Todos os mapas foram publicados no DATUM SIRGAS 2000.

Antes da elaboração do mapa final da paisagem simbólica, as lendas, integrantes do patrimônio cultural imaterial e da paisagem simbólica, coletadas através da entrevista com o Sr. Chico Mandira, no primeiro campo realizado no quilombo, estavam em formato de áudio e foram transcritas e organizadas, de acordo com o “Guia prático de história oral” de José Carlos Sebe Bom Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro (2011) e a partir de então foram selecionadas as principais lendas que fizeram parte do mapa da Cultura Imaterial do Quilombo do Mandira.

Tendo como base a delimitação da terra de quilombo, foi criado um shape com os principais pontos turísticos do roteiro elaborado pela comunidade, coletados em campo com o auxílio do receptor de rádio GPS, que continham lendas inseridas em sua paisagem.

O mapa da cultura imaterial contou apenas com os pontos e respectivas paisagens onde existe uma lenda, enquanto o mapa disponibilizado para a comunidade contou também com as importantes paisagens visitadas pelos turistas que estão no roteiro, a exemplo da cachoeira do Rio Mandira. Para ambos os mapas o mesmo procedimento metodológico foi adotado: adicionando a base da delimitação da terra de quilombo e o *shapefile* de pontos com os pontos turísticos que, por sua vez, foram nomeados e setas apontam as fotos das respectivas paisagens. Nas fotos das paisagens, tiradas em campo, foram adicionados os desenhos criados pelas crianças da comunidade, durante a oficina realizada no mês de julho, dos seres presentes nas lendas. Para a elaboração das imagens foi utilizado o Corel PHOTO PAINT X6 do pacote Corel DRAW X6.

Os desenhos foram selecionados e trabalhados no Corel PHOTO PAINT, de modo que o fundo foi apagado, deixando apenas o contorno do desenho dos seres das lendas aparentes. O contorno foi adicionado na foto da paisagem, com o nome das lendas e a autora do desenho, e então as camadas foram mescladas e salvas em formato JPEG.

As paisagens foram adicionadas ao mapa com os pontos e então foi realizado o mapeamento da paisagem simbólica do Quilombo do Mandira.

4.2 O universo da pesquisa

A área da comunidade tradicional do Quilombo do Mandira, localizada no Baixo Vale do Ribeira de Iguape, na porção continental da cidade de Cananéia/SP, foi a escolhida como área de estudo, por conter o interesse nos sujeitos da pesquisa, que guardam seus saberes e valores tradicionais, ricos em lendas e histórias passadas de geração em geração.

Os Mandira são considerados uma comunidade tradicional, quilombola e caiçara, pois apresenta características relevantes que os determinam como tal. Segundo Diegues (1999), o respeito ao sistema natural no manejo, à existência de conhecimentos adquiridos pela tradição, herança dos mais velhos, e, principalmente, à auto identificação de pertencerem a uma cultura distinta das outras, apresentam-se como algumas dessas características. Os membros da comunidade realmente se identificam como quilombola, caiçara e mandirano, “com muito orgulho”; ser mandirano significa muito para eles, uma vez que são uma família e lutam juntos pelos mesmos objetivos, construindo a história dessa comunidade.

O autor utiliza em um de seus trabalhos a noção de “sociedades tradicionais”, como “grupos humanos diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza” (DIEGUES, 1999 p. 22).

Como mencionado anteriormente, trata-se de uma comunidade tradicional caiçara e quilombola, que corresponde, respectivamente, a comunidades formadas pela mescla étnico-cultural dos indígenas, portugueses e dos escravos africanos; apresentam uma forma de vida baseada na agricultura, pesca, extrativismo vegetal e artesanato, e, “descendentes de escravos negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários” (DIEGUES, 1999, p. 57). As definições anteriores se encaixam bem na história de formação da comunidade e modo de vida dos mandiranos, como mostrarão as informações que seguem.

Inserida no Vale do Ribeira, segundo Gouveia (2010), a Vila de Cananéia foi fundada em 1531 que, localizada estrategicamente, constituía um ponto de partida para a penetração dos colonizadores com direção ao interior. Apesar de ter muita importância na época, com o tempo, toda a região foi esquecida e deixada de lado no processo de desenvolvimento do estado, o que contribuiu, ao mesmo tempo, para que fosse considerada hoje a região que apresenta os últimos remanescentes de Mata Atlântica em significativa qualidade e maior biodiversidade do estado; por isso também a existência de diversas Unidades de Conservação nesta região.

A região é conhecida também por possuir a maior concentração de comunidades quilombolas do estado de São Paulo. Historiadores explicam, segundo Risso (2014), a existência de diversos quilombos na região do Vale do Ribeira devido à atividade minerária, durante o século XVII, que com o seu declínio levou muitos proprietários a deixarem a região no século XIX, vendendo ou mesmo doando suas terras. Deste modo, dos escravos que trabalhavam nas fazendas muitos permaneciam na região, dando origem a bairros rurais. Este é o caso da comunidade dos Mandira, na qual se pautam os estudos do presente trabalho.

Fonte: ISA, 2008

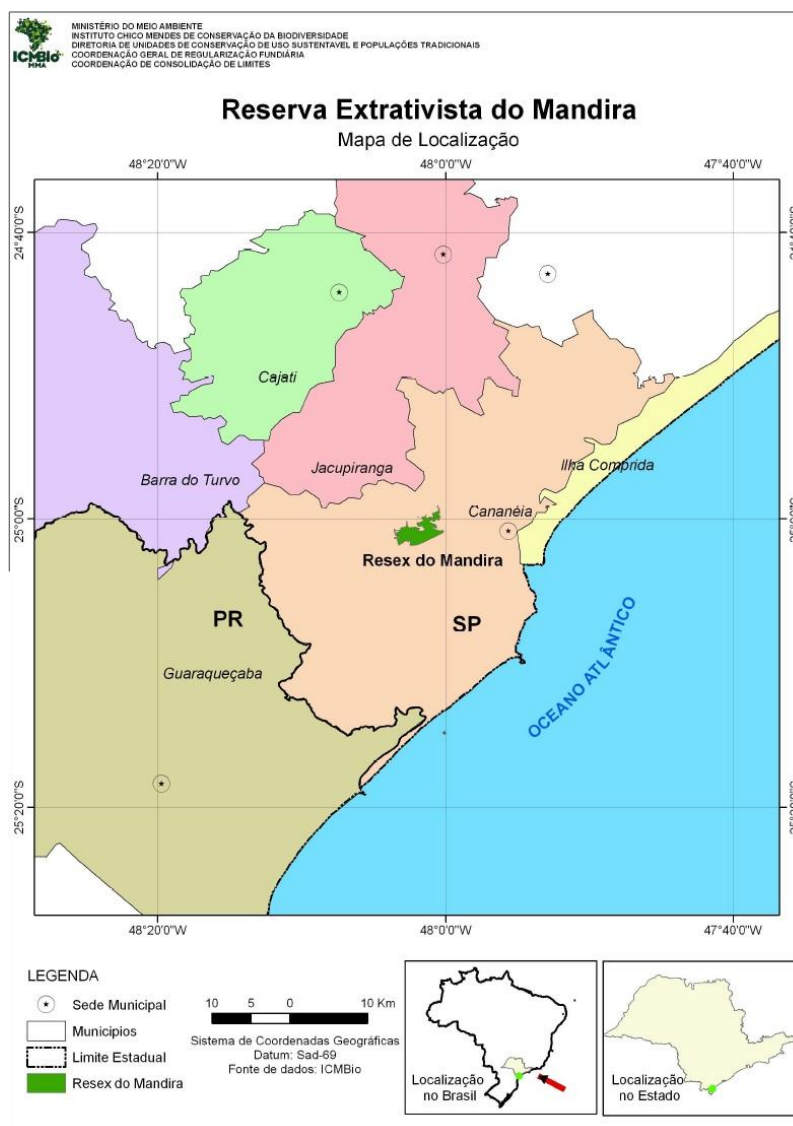
A extração de ostras dos manguezais, atividade que no passado era motivo de vergonha para a comunidade, tem presença significativa na região, é a principal fonte de renda da comunidade, que passou a ser motivo de orgulho quando depois do trabalho veio o reconhecimento. Em 1997, segundo o autor Chiquinho (2007), foi criada a Cooperativa dos Produtores de Ostra de Cananéia, a COOPEROSTRA, que conquistou o Prêmio Iniciativa Equatorial 2002, durante a Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, em Joanesburgo, África do Sul e em 13 de dezembro do mesmo ano foi criada por um Decreto Federal a Reserva Extrativista Mandira.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente:

A Reserva Extrativista – RESEX é uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável, estabelecida pela Lei 9.985/2000 (Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC). As RESEX são utilizadas por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE, 2014).

Tomando como fonte de informações o Instituto Sócio Ambiental - ISA, uma RESEX é gerida por um conselho deliberativo, o qual preside o órgão responsável por sua administração. A visita pública é permitida, assim como a pesquisa, que é incentivada, desde que possua autorização e seja compatível com os interesses locais e as condições e restrições estabelecidas. A Reserva Extrativista do Mandira é uma Unidade de Conservação que se enquadra no grupo das Unidades de Uso Sustentável e tem o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) como seu órgão gestor (ISA, 2015). Com uma extensão de 1.176 hectares, segue o mapa em um recorte maior da localização da Reserva (Figura 2):

Figura 2 - Mapa da localização da Reserva Extrativista do Mandira



Fonte: ICMBio, 2010.

A reserva, bem como a área de quilombo, se encontram no Domínio dos “Mares de Morros” Florestados, de acordo com a classificação de Ab’Saber (2003), ou Bioma Mata Atlântica, Floresta latifoliada úmida de encosta e formações litorâneas de manguezal, como observamos na figura 3, e restinga.

Figura 3 - Formação litorânea de manguezal - RESEX do Mandira



Fonte: Carvalho, 2015

A comunidade Remanescente Quilombola, como é reconhecida pela ICMBio, tal como a própria comunidade se identifica – quilombola, caiçara, mandiranos, extrativistas –, através do Projeto de Ordenamento da Exploração de Ostras do Mangue no Estuário de Cananéia, de acordo com Chiquinho (2007), é hoje um exemplo de manejo sustentável. A comunidade pode ser considerada um exemplo também quanto à fraternidade em que vivem, sempre buscando novos projetos para garantir uma forma de renda para todos (CHIQUINHO, 2007), sempre conservando seus saberes e valores tradicionais caiçara. Existe na comunidade um Centro Comunitário, sede da “Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo da Reserva Extrativista do Mandira” (Figura 4), na qual são tomadas decisões, e também onde são realizadas festividades, cursos, reuniões e encontros para discussões importantes ou até mesmo para uma prosa entre os mandiranos. Existe também o barracão, local utilizado pelas mulheres da comunidade para a criação dos artesanatos que são vendidos aos turistas (Figura 5).

Figura 4 - Sede da “Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo da Reserva Extrativista do Mandira”



Fonte: Carvalho, 2015

Figura 5 - Local onde são confeccionados e comercializados os artesanatos



Fonte: Carvalho, 2015

A comunidade vem trabalhando muito em prol da construção e do desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, no Quilombo, que segundo MTur apud SANSOLO; BURSZTYN (2009):

O turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dessas dos benefícios advindos da atividade turística (MTur, 2008, apud SAN SOLO; BURSZTYN 2009, p. 145).

Por isso um Restaurante-Bar foi construído, no ano de 2015 (Figura 6), e um roteiro turístico foi elaborado.

Figura 6 - Restaurante e Bar do Ney e Chico



Fonte: Carvalho, 2015

Apesar de a população local ter aumentado de forma natural, até a década de 1970 o único meio de acesso e contato com a comunidade era pelo Mar de Taquari, Baía de Trapandé e, após, Mar de Cananéia, através de embarcações, o que fez com que ficassem, de certa forma, um pouco isolados, conservando assim de forma considerável seus costumes e tradições, e também por hoje terem orgulho de sua cultura e por serem quem são.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 A cultura imaterial de Mandira: lendas e contos registrados

Os resultados iniciais foram obtidos a partir das revisões bibliográficas, que embasaram as demais etapas da pesquisa. Conceitos, análises e estudos serviram como direcionamento para realização do campo, entrevistas e o mapeamento.

O primeiro campo, realizado em julho de 2014, foi o primeiro contato efetivo com a comunidade e rendeu os primeiros resultados. Um dia inteiro foi dedicado ao conhecimento da área e dos sujeitos do estudo.

Chegando ao início da manhã, fomos recebidos por um dos líderes da comunidade, atual presidente da “Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo da Reserva Extrativista do Mandira”, o Sr. Francisco de Sales Coutinho Mandira, mais conhecido como Chico Mandira (Figura 7). Acostumado a receber visitantes e pesquisadores, pelo reconhecimento que a comunidade possui, o líder nos deixou à vontade para iniciarmos o trabalho e nos contou sobre o histórico da comunidade e suas peculiaridades. A entrevista aberta foi realizada primeiramente na varanda da casa do Sr. Chico e, após o almoço, durante visitas aos pontos. Para registro da entrevista foi utilizado um gravador de voz.

Figura 7 - Primeiro dia de campo, Prof.^a Dr.^a Andréa Aparecida Zacharias, Gardênia Baffi de Carvalho, Prof.^a Dr.^a Luciene Cristina Risso, o líder da comunidade, Sr. Chico Mandira e Yume Kikuda Silveira.



Fonte: Fábio Domingues, 2014

O resultado obtido através da entrevista trouxe, além das lendas e contos narrados pelo Sr. Chico Mandira, informações sobre a comunidade, que permitiram algumas percepções. A comunidade é muito bem organizada, possui suas regras e todas as decisões são tomadas em conjunto passando por uma assembleia; o grupo demonstra ser bem unido. Eles se mostraram dispostos e animados com a construção de novas casas na comunidade, com o auxílio do Governo Federal, que melhorarão as condições de receber visitantes, o que aumenta cada vez mais, uma vez que têm a intenção de transformar essas novas casas em pousada. Esse projeto ajudará e muito na expansão do turismo local, o turismo de base comunitária, que é também uma intenção da comunidade, o trabalho na área. Segundo Sr. Chico Mandira, já existe um roteiro turístico, elaborado pela comunidade, que visitam os pontos de destaque (Figura 8), pontos inclusive palco de lendas que por ele foram relatadas. A informação oral a seguir mostra alguns desses pontos do roteiro e a dinâmica das visitas:

[...] vai na ruína, cachoeira, sambaqui, mangue. E as vezes tem escola, tem grupo que vem também pra conhecer a ostra, é outro caminho, tem que usar barco... Esse ano está bastante visitado, os viveiros [...] e aí tem grupo que só vem pra história mesmo né, nem almoça, nem nada. Têm pessoas, grupo pequeno que vem pra, pra comer, e a culinária também faz parte. Aqui é comida caseira, então pessoal que vem, gosta do feijão da Dona Irene, a farofa da ostra. De ostra dá pra fazer vários pratos! Dá pra fazer ela in natura, só abrir e colocar ela com limão dá pra fazer ela gratinada, coloca tempero e coloca no forno pra assar, dá pra fazer ela, farofa, que é um prato que todo mundo que vem pra cá, que já ouviu falar, mesmo que nunca comeu mas se já ouviu falar quer. Dá pra fazer ela no macarrão, dá pra fazer ela com arroz, torta de ostra, pastel com ostra [...] aqui a gente vende, a gente faz pra vender [...] a Festa da Ostra é em novembro, vem bastante gente de fora [...] (MANDIRA, 2014).

Figura 8 - Placa na entrada da comunidade com alguns pontos visitados com os turistas



Fonte: Carvalho, 2014

Figura 9 - Comida caseira feita pela Dona Irene



Fonte: Carvalho, 2015

Pode-se observar que a comunidade apresenta diversos atrativos para os visitantes, assim como há pessoas que vão para experimentar o feijão da Dona Irene (Figura 9), esposa do Sr. Chico Mandira, outras pessoas vão pelas histórias, contos e lendas locais. Seguem então os relatos do Sr. Chico sobre esses contos e lendas. Ainda durante a entrevista na casa do Sr. Chico é relatada a história dos “Homens maiores que os abacateiros”:

[...] esse foi outro dia, ele estava no mesmo lugar, no sambaqui, estava espiando caça também, não, esse dia não estava espiando caça, esse dia, eles estavam em outro lugar, e viram um clarão no sambaqui, um clarão que deu aquela alumiada assim, um “cilibim” pra cima assim, de cima pra baixo, e de baixo pra cima, aí no que alumiou da estrada, perto da ruína, ele olhou disse que viu um homem por cima das árvores, um homão grande assim, e ele foi um pouco mais próximo, depois ele voltou. Depois ele no outro dia foi lá, também não tinha nada, não tinha rastro não tinha nada [...] [risos] mais alto que os abacateiros, abacateiro lá deve ter uns 20 quase 20 metros, no sambaqui [...] (MANDIRA, 2014).

E durante outro relato, agora já no local do sambaqui³, local do ocorrido, ainda no mesmo dia, o Sr. Chico nos conta novamente a lenda dos gigantes no sambaqui:

[...] a maioria dessas árvores aqui é abacate, meu avô morou aqui e plantou agora, já é semente da semente, faz muitos anos [...] o gigante foi aqui também, o rapaz que morava ali, perto da casa de pedra um pouco pra baixo, ele morava ali aí ele veio [...] ele viu clarão, disse que o cara estava alumiando assim por cima, ele veio até perto daquela pontinha pra ver, aí diz que viu um cara aqui por cima das árvores [risos] ele viu, ficou com medo e acho que sei lá, ele disse que não ficou com medo,

³ Sítio arqueológico caracterizado, principalmente, por possuir uma forma arredondada. Constituído basicamente com restos faunísticos como conchas, ossos de peixes e mamíferos, ocorrendo também frutos e sementes, artefatos de pedra e de osso, ostras e mariscos (GASPAR, 2004).

mas, mas ele não chegou até aqui, mas aí no outro dia que ele veio, mas já não tinha nada não tinha rastro, não tinha nada [...] (MANDIRA, 2014).

Ainda no sambaqui (Figura 10) é relatada outra história, do pé de laranja que foi plantado em cima de onde foi enterrado um escravo:

[...] e aqui também tem uma história que bem aqui embaixo passa um rio, pessoal chama de Rio Penico e, se matava muito peixe, conhece bagre né?! Tem aquelas “porona” assim... dizem que mataram muito bagre e começaram a limpar aqui. Aí, o dono do negro, o amo, começou a bater no negro, e ele limpando peixe. Aí dizem que ficou com raiva, pegou o amo dele, e jogou ele no meio do bagre, o cara saiu com bagre até pelas orelhas. O amo ficou com muita raiva e mandou matar esse negro. Matou e enterrou ele lá embaixo na beira do rio, na beira do Rio do Penico ali. Minha avó morou aqui, e ela falava pra nós que [...] mataram, enterraram e plantaram um pé de laranja em cima. A laranja faz pouco tempo que secou, eu conheci o pé de laranja, ela falava pra nós que não comia laranja nem que pagassem ouro pra ela, porque tinha um negro em baixo enterrado ali embaixo desse pé de laranja, ela contava pra gente essa história. (MANDIRA, 2014).

Figura 10 - Sambaqui



Fonte: Carvalho, 2014

O sambaqui realmente guarda muitas histórias interessantes e quanto mais andávamos por aquele local o Sr. Chico ia lembrando e nos contando, como se aquele lugar fizesse com que ele puxasse na memória histórias contadas por seus antepassados:

[...] aqui na história de Cananéia [...] o dilúvio do Mandira se deu em 1615, e segundo o nosso pessoal, esse sambaqui, como deu essa cheia muito grande [...] ali onde a gente foi, na cachoeira, começou a chover, começou a cair pau e fechou ali, [...] fechou e a água começou a subir pra lá, mas essa barreira não aguentou aí soltou a água pra cá, e deu uma enchente muito grande, e o pessoal diz, diziam né, que esse

sambaqui que tem são mariscos que morreram por causa da água doce, que ela não resiste muito água doce. Pode ver que quando a água tem muita correnteza, muita força, ela faz aqueles redemoinhos, então eles falavam que a água fazia aquele redemoinho e pegava essas conchas mortas, acumulava num lugar só e amontoava aqueles montes de concha [...] que aqui tem vários sambaqui [...] e aqui essa trilha é uma das trilhas Peabiru também [...] Peabiru, que o litoral e o continente, esse aqui é um dos caminhos Peabiru [...] aí depois fizeram telégrafo também, pelo caminho, e ele ia até Machu Picchu [...] Dizem que os caras traziam ouro de lá pra cá [...] é muita ganância pra ouro [...] meses e meses andando com uma tralha nas costas, trazer de lá pra beira mar [...] (MANDIRA, 2014).

A trilha que vai até o Sambaqui, a trilha Peabiru⁴ (Figura 11), é palco de várias histórias, inclusive a do Saci Saperê, que será posteriormente mencionada.

Figura 11 - Trilha Peabiru, no caminho para o Sambaqui, um dos lugares onde o Saci apareceu



Fonte: Carvalho, 2014

A Ruína, ou casa de pedra, como é chamada pelos membros da comunidade (Figura 12), bem como o Sambaqui, são pontos que fazem parte do roteiro turístico elaborado pela comunidade e ambos possuem lendas muito interessantes. A lenda da mulher de branco é bem presente na comunidade, todos conhecem, porque mais de uma pessoa viu e em mais de um local. Ninguém sabe quem é essa mulher, imaginam como se fosse um espírito que vaga pela região e sua aparição mais marcante foi na ruína de pedra, como conta o Sr. Chico Mandira:

⁴ Segundo Moreira (2007) o Peabiru seria uma rede de caminhos que representaria as incursões do povo Inca ao território brasileiro, com intuito de estender os seus domínios até as margens do Atlântico. Para os Mandira, de acordo com Almeida (2012, p. 105), as trilhas sempre existiram, e a longevidade dessa existência “parece ter produzido um senso de ligação entre a população e esses lugares, resultando na corporificação do lugar enquanto espaço socialmente produzido”.

[...] aqui era um engenho de pilar arroz na época da fazenda [...] no século XVIII, XIX, nessa região era o ciclo do arroz, os escravos trabalhavam. Aqui que viram a mulher de branco [...] e aqui morava muita gente. E a casa do capelão era ali em cima, capelão do terço. A entrada passava por ali do lado e subia pra cima, e a mulher saiu junto com meu tio no caminho lá de trás, aí onde ela estava, ninguém sabe ninguém viu [...] (MANDIRA, 2014).

Figura 12 - Ruína ou Casa de Pedra⁵



Fonte: Carvalho, 2014

A lenda da existência do Saci também está presente nesta comunidade e nos foi contada, mas, através do relato da entrevista, percebemos que a crença está se perdendo; segundo o Sr. Chico, as pessoas estão deixando de acreditar.

Meu tio com os primos dele foram pescar, mas não estavam pegando nada, e aí tinha um saci assobiando assim na beira do rio: “fiii saci saperê, fiii saci saperê”. Ele era muito safado meu avô, e ele falou assim para o saci: se você fizer nós matar um pouco de tainha nós damos uma tainha pra você. Aí diz que lotaram a canoa de tainha, pegaram tainha pra danar. Aí um olhou pro outro e falou, sabe quando nós vamos dar tainha pra esse saci, nunca! [risos] não vamos dar tainha pra esse cara não. Aí vieram embora, vieram embora e dizem que esse saci veio atropelando eles, que ele assobiava que a terra tremia até. Eles escutavam ele andar na beira do mato, aí dava aquela ventania, na hora que ele passava de um lado pra outro da estrada, do caminho que não era estrada, era trilha, aí vieram até em casa. Aí chegaram em casa o pai dele perguntou pra ele, o que eles tinham feito que o saci estava bravo com eles daquele jeito. Eles não queriam contar, até que contaram e dizem que o pai dele brigou bem brigado com eles, depois fez uma oração, rezou lá um Pai Nosso, Ave Maria e diz que o saci subiu assim, que disse que estremecia a terra, e sumiu, esta correndo até hoje... mas diz que atropelou eles do rio até em casa [...] atropelando eles no sentido de pisar forte do lado deles no caminho, quando ele passava de um lado da estrada pra outro e assobiava que estremecia o chão esse assobio dele, isso ele veio até na porta de casa, na porta de casa aqui escutava o pisar dele no terreiro assim. Mas aí o pai do meu avô fez uma oração aí ele foi embora. Meu avô brigou bastante com eles, tinha que ter dado a tainha pro cara, eles pediram, pediram que eles davam uma tainha em troca e não deram [...] ele não é bobo nem nada, ele vai aonde dá certo pra ele [...] (MANDIRA, 2014).

E relata ainda:

⁵ Ruína ou Casa de Pedra é como é chamada pela comunidade a antiga casa de pilar arroz, onde os escravos trabalhavam. Construída com pedras, cascalhos, areia e óleo de baleia, é a única construção da época da escravidão ainda existente no Quilombo.

[...] saci tem, digo, agora é difícil, mas tem, tem muita lenda do saci [...] tem na mata. Pessoas que abusavam, eu tenho um tio, quando ele era solteiro, ele abusava mesmo das coisas assim, do saci, de tudo, ele abusava de tudo, a gente falava pra ele, ah não vai lá em tal lugar assim que lá é assombrado, ele respondia, que é assombrado o que, lá não tem nada, aí ele ia, e encontrava. Teve uma vez, isso faz muitos anos, meu avô morava aqui perto, ele namorava com minha tia, que hoje a esposa dele, e ele abusava, tal, e ele vinha pra cá e tinha um lugar que chamava barro branco, que o pessoal dizia que era assombrado também, aonde a gente via a mulher de branco, a mulher de branco tinha na ruína e tinha ali na pedra que eu falei pra vocês, aí diz que começaram a falar pra ele: você vai embora agora, cuidado, no barro branco, não sei o que, aí ele abusou, abusou, foi embora, e quando chegou lá dizem que ele escutou um barulho de um carro que vinha, mas não era carro, dizem que esse barulho passava por cima dele assim, “vuuumm”, passava ia lá, voltava, aí dizem que o negócio ficou preto pro lado dele! [risos] uns dizem que não era o saci, mas aí a gente chama de é “avisagem” né, ele abusava aí as coisas apareciam. Hoje é difícil, hoje nem tem mais, o saci tá infiltrado no povo, nem assubia nesse mato não assobia mais. Antigamente você andava por aí eles falavam “fiii saci saperê” [...] o assubio, eles amarravam as crinas do cavalo, faziam trança nela [...] é difícil escutar o saci assobiar nesse mato, é difícil, porque hoje o pessoal não sei se deixou de acreditar, ou ele tá infiltrado povo, porque hoje o povo tá virado, [risos] ninguém respeita mais ninguém, se mata por nada, tudo que não presta o homem faz hoje. Antes não, antes o pessoal tinha receio, falavam: não fulano, você não faça isso porque Deus vai te castigar, que Deus não castiga ninguém a pessoa que se castiga né, mas Deus vai te castigar. aí ele abusava, em seguida ele recebia um castigo se fosse de Deus, se fosse do diabo, que fosse ele recebia. Hoje você pode fazer o que quiser, não sei a hora que sair daqui, mas aqui na terra ele não está mais recebendo esse castigo que existia antigamente. Então o pessoal respeitava muito essas coisas de lenda, saci, pessoal não abusava muito não [...] (MANDIRA, 2014).

Quando é perguntado sobre essa tradição de contar as lendas, principalmente para as crianças, Sr. Chico diz que isso vem se perdendo, mas que seria muito bom resgatar como forma de perpetuar as memórias da comunidade. Ele dá o exemplo do terço cantado e relata como depois de persistência por parte dos membros mais velhos da comunidade essa tradição foi mantida. Segue então na Figura 13 a Capela, o principal local onde se realizava o terço cantado.

Figura 13 - Capela onde era realizado o terço cantado



Fonte: Carvalho, 2014

[...] já se perdeu... Eu conto, tem um Tio aqui também que [...] ele conta, mas a maioria do povo não sabe de nada, não. Era bom que se resgatasse um pouco porque, que nem a questão do terço cantado, o terço cantado, em todo o bairro aqui na região tinha, todo bairro tem um capelão de terço, hoje não existe mais. [...] Toda essa coisa que faz é uma oração, é uma reza, mas faz parte da cultura [...] era todo

dia santo, dia de guarda, dia santo que eu falo não é feriado, é dia do santo, do padroeiro de algum lugar, então pessoal respeitava tudo isso e fazia o terço. Mas foi se perdendo isso. aí ficou meu tio, que ele faleceu, aí ficou um tempo parado, e esse meu tio, a sorte nossa foi que ele escrever as orações, porque as orações eram todas gravadas na cabeça de quem rezava naquela época, não tinha nada, não tinha nem um “Pai nosso” escrito, era tudo gravado na cabeça do pessoal, pessoal não tinha estudo mas a cabeça era um computador. O capelão puxava uma oração, eles sabiam letra por letra daquela oração, e não é uma oração só, são várias. Aí ficou só um tio, esse um faleceu que escreveu, outro Tio que começou a fazer o terço né, ser capelão do terço aí ele era muito tímido, tal, então nós começamos a querer colocar isso num livro, fazer um livro dessas orações. E aí fizemos, foi feito um projeto, e feito um livro do terço, só que nós queríamos mais, porque quem não sabia as orações, a toada das orações, o livro, ele ia ler, mas não ia ter sentido ele só ler por ler. Então fizemos outro projeto que nós queríamos gravar em DVD, aí conseguimos, hoje nós temos um livro do terço e um DVD gravado, se não já tinha se perdido. Hoje, graças a Deus, por ter gravado e ter o livro, até as criança com o livro eles cantam né, junto com a gente. Mas antes ninguém queria saber, porque, era tudo oral. [...] Antes tinha todo dia santo, hoje diminuiu 70% porque hoje ninguém respeita mais dia de guarda. Quem é funcionário público guarda o feriado, único dia que o pessoal respeita um pouco é a Semana Santa, nem quinta-feira da Paixão ninguém guarda mais, só na sexta-feira da paixão. Mas antigamente na Semana Santa, na Quaresma, todo dia santo da Quaresma era rezado o terço e ninguém ia trabalhar naquele dia. Sexta-feira das Dores, sexta-feira dos Passos, essas coisas, hoje eu nem sei que sexta-feira que é, mas o pessoal tinha isso na ponta da língua, sabia, e respeitavam e cantavam terço todo mundo, todo mundo cantava. Agora acontece na festa de Santo Antônio, que é dia 12, dia 13 eles cantam na véspera da festa, de junho, e na Semana Santa [...] e também terço de sétimo dia, de falecimento, a gente reza [...] aí esse meu tio ele, hoje ele está um pouco afastado porque ele machucou, não pode vir, e aí quem está fazendo sou eu, [risos] eu que estou tentando. Infelizmente o Chico é igual “Bombril”, mil e uma utilidades [risos]. Faz o terço na igreja, nós temos uma capelinha aqui atrás [...] lá nós temos nosso oratório, oratório que tem, segundo minha mãe falava, tem em média de 250 anos na comunidade. Tem um Santo Antônio também que é da mesma época, Santo Antônio nosso é desse tamaninho assim, é da mesma época, tem mais ou menos em torno de 250, 300 anos na comunidade. Eu não sei se veio pelos portugueses donos da fazenda, ou pelos escravos que trouxeram, porque esse terço cantado, essas orações, eu acredito que não é dos portugueses, eu acredito que deve ser dos negros, que se reuniam pra cantar, fazer a oração deles [...] (MANDIRA, 2014).

Sr. Chico Mandira demonstra muita satisfação em poder dar continuidade às tradições da família, da comunidade e não deixar que estas se percam com o passar do tempo. Destaca-se a referência familiar em todas as lendas e histórias contadas, sempre um parente está presente nos relatos, o que era de se esperar, uma vez que a comunidade é constituída pela família Mandira. A informação oral que segue sobre sereias e outros seres do Lagamar (Figura 14) mais uma vez evidencia:

[...] de sereia o pessoal contava alguma coisa. [...] Perto da ponte tem um lugar que chama-se “Pilão” e nunca ninguém descobriu mas o pessoal falava que era um amiguinho da água, ou a sereia, não sei o quê, que um dos meus tios, ele já faleceu [...] ia pescar lá pra cima, aí diz que chegou uma noite de lua clara, branca diz que ele viu um vulto que caiu de cima da pedra na água e a água começou a fazer uma turbulência que ele ficou com medo de encostar porque podia virar a canoa dele, aí ele julgava que um peixe não era, ele dizia que era uma sereia, que pulou da pedra na água, só que era de noite com a lua né, mas que ele viu um negocio caindo na água viu, e diz que a água começou a fazer um redemoinho [...] aí ele ficou com medo. E a minha mãe contava também que tinha muito, aqui no mar pequeno, arraia tintureira, que é uma arraia, dizem que pesa até 500 quilos, dizem, eu nunca vi que ela tem tipo de um chifre que ela pegava a canoa do pessoal no porto, e puxava e afundava as canoas [...] minha mãe contava essa história, mas eu sei lá, nunca vi.

[...] A sereia é no Lagamar. [...] Já ouvi outra história também do menino do mangue. Era um neguinho, um menino, um, escravo [...] O dono dos escravos resolveu que ia fazer uma festa, dar uma festa [...] e mandou as escravas fazerem um pouco de doce, e o menino queria porque queria esse doce. Elas disseram não, não podia dar porque era do patrão. Mas ele queria, queria, queria, aí dizem que num descuido lá a negra deu um pouquinho de doce pra ele e disse: pega esse doce mas vá comer lá no meio do mato. Aí ele pegou o doce, e quando ele pegou o patrão entrou na cozinha, aí dizem que pegou esse menino, e disse: você está comendo nosso doce antes da gente né?! Dizem que ele pegou esse menino, levou no mangue, amarrou ele lá e surrou, surrou, surrou e deixou lá. No outro dia amanheceu morto o menino. E aí diz que têm uma história lá que fala que um olhar de criança nunca morre, e existe alguma coisa no mangue que, é uma luz que sempre aparece, uma luz no mangue, e aí o pessoal fala que é o olhar da criança, que o olhar da criança nunca morre [...] isso aqui é do lado da cidade, Cananéia. (MANDIRA, 2014).

Figura 14 - Lagamar, foto tirada da ponte que liga o continente à ilha de Cananéia



Fonte: Carvalho, 2015

Por fim, é relatada uma história contada pelo Sr. Chico na qual percebe-se uma carga de orgulho de seus antepassados, por quem eram e pelos seus feitos.

[...] o pai do meu avô, o meu bisavô ele era vidente, então ele previa as coisas que iam acontecer daqui algum tempo, e ele teve uma briga com um coronel chamado coronel Cabral e esse coronel queria tomar o sítio do Mandira da qual ele herdou do o pai dele, do pai do João, pai do meu avô. E aí, brigada, vai briga vem [...] e esse coronel mandou matar ele, matar meu bisavô, mandou dois capangas pra matar ele, e aí ele falou pra mulher dele, a mulher dele chamava Augusta, falou: Augusta, o Cabral está mandando dois homens pra vir me matar. Ele previu isso né, [...] ela falou: não, tá doido, coronel vai mandar matar ninguém. E ele disse: então você vai ver, amanhã tal hora os caras estão chegando aqui pra me matar, eles estão em Cananéia, vão pegar uma canoa lá e vão vir de canoa, naquela época não tinha estrada mesmo né, eles vão vir me matar tal hora eles tão chegando aqui. Aí ele pensou, eu não vou sair de casa amanhã pra eu receber eles, vão me matar né, eu vou querer receber eles. E ele ficou, não saiu, e quando chegou o horário que ele falou pra mulher, ele olhou ali da casa de pedra lá no final do caminho daquela porteira, aí

os caras vinham subindo. Era um caminho largo, não era estrada, mas era um caminho largo, entrada e saída da comunidade. Aí ele falou: lá tá vindo os caras me matar. Os caras chegaram, ele veio, abriu a porta e falou: boa tarde, vocês que vieram me matar né?! Assim, já de cara. Aí os caras falaram que não, que não eram eles. E ele disse: não, vocês vieram a mando do Cabral, assim, assim assado, vocês chegaram ontem em Cananéia, dormiram em Cananéia e hoje vocês vieram pra me matar, ele mandou, está pegando vocês pra me matar, podem entrar! [...] Aí ele falou: Augusta faça um café pra eles que eles estão com fome, [...] podem comer bastante, depois que vocês encherem a barriga aí vocês me matam e vai embora de barriga cheia [risos]. [...] Aí, na hora que estavam comendo os caras falaram: não Sr. João, de fato nós viemos matar o senhor mesmo, a mando do Cabral, mas como que a gente vai matar um homem que nem o senhor?! Que jeito que nós fazemos isso?! Não tem como. Então eles encheram a barriga, tchau, tchau e por aqui ó, sumiram embora [risos] (MANDIRA, 2014).

As lendas, contos e histórias, anteriormente registradas, fazem parte da identidade, memórias e vida cultural da comunidade, orgulhosamente identificada como Quilombo do Mandira. É de grande importância para os mais antigos todos os feitos de seus antepassados, bem como a cultura e tradição legada. Os jovens muitas vezes ao atingirem certa idade vão para a cidade morar e procurar emprego, se desligando um pouco de suas raízes. Como as informações orais nos mostram, Sr. Chico Mandira, o líder da comunidade, se preocupa e faz de tudo para que suas tradições como as lendas, a culinária, a forma de trabalhar e conviver na comunidade continuem com o passar das gerações e perpetuem a identidade dos Mandira. Ter conseguido resgatar a tradição do terço cantado foi uma conquista muito grande e satisfatória para a comunidade. Espera-se que este trabalho, bem como outras ações, ajude a comunidade manter viva sua cultura e suas tradições.

Com este objetivo, além das informações coletadas, que nos ajudam a compreender a atual configuração da comunidade, pudemos conhecer o território do quilombo e marcar no receptor de rádio GPS as respectivas localizações para posterior mapeamento.

Um segundo trabalho de campo foi realizado em julho de 2015, com o intuito de mostrar o andamento do trabalho para a comunidade, coletar mais informações e realizar a oficina de desenho, na qual os próprios membros da comunidade colocariam no papel os seres das lendas que existem no imaginário e que irão compor o mapa da cultura imaterial.

Foram listados os pontos que são visitados com os turistas, que segundo o Sr. Chico Mandira nos informou são: Entrada da comunidade (Casas, Restaurante, Casa de Farinha e Artesanatos) (Figura 15), Porto Boaciquinha (entrada para o mangue e o viveiro de ostras) (Figura 17), Cachoeira (Rio Mandira, Ponte do Rio Mandira) (Figura 19, Figura 20), Ruína (Casa de pedra, antiga casa de pilar arroz), (Figura 21), Trilha Peabiru (trilha que vai para o Sambaqui), (Figura 22) e o Sambaqui (Figura 23).

Seguem as fotos das paisagens de cada ponto, juntamente com sua localização coletada com o GPS (graus, minutos e segundos, DATUM: WGS 48):

Figura 15 - Entrada da comunidade - Localização: S 24° 59' 46'', W 48° 02' 07''



Fonte: Carvalho, 2015

Figura 16 - Artesanatos, casas e Restaurante do Quilombo



Fonte: Carvalho, 2015

Figura 17 – Sr. Chico no Porto Boaciquinha - Localização: S 24° 59' 49'', W 48° 01' 38''



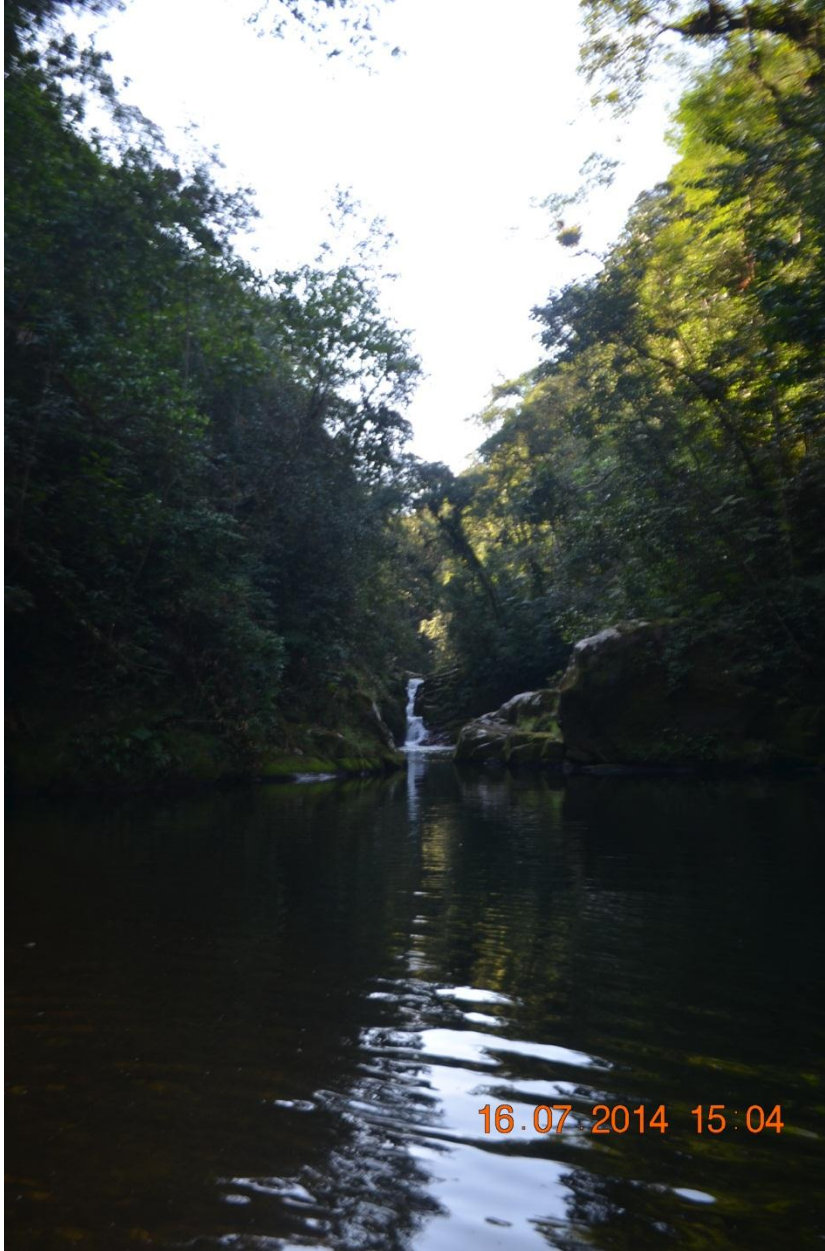
Fonte: Carvalho, 2015

Figura 18 - Viveiro de ostras e o mangue



Fonte: Carvalho, 2014

Figura 19 - Cachoeira do Rio Mandira - Localização: S 24° 59' 52'', W 48° 03' 19''



Fonte: Carvalho, 2014

Figura 20 - Trilha para a cachoeira, Rio Mandira e Ponte do Rio Mandira



Fonte: Carvalho, 2014

Figura 21 - Ruína ou Casa de Pedra - Localização: S 25° 00' 10'', W 48° 03' 58''



Fonte: Carvalho, 2014

Figura 22 - Trilha Peabiru - Localização: S 25° 00' 10'', W 48° 03' 52''



Fonte: Carvalho, 2014

Figura 23 – Sambaqui - S 25° 00' 23'', W 48° 03' 39''



Fonte: Carvalho, 2014

Figura 24 - Abacateiro plantado pelo avô do Sr. Chico, no Sambaqui

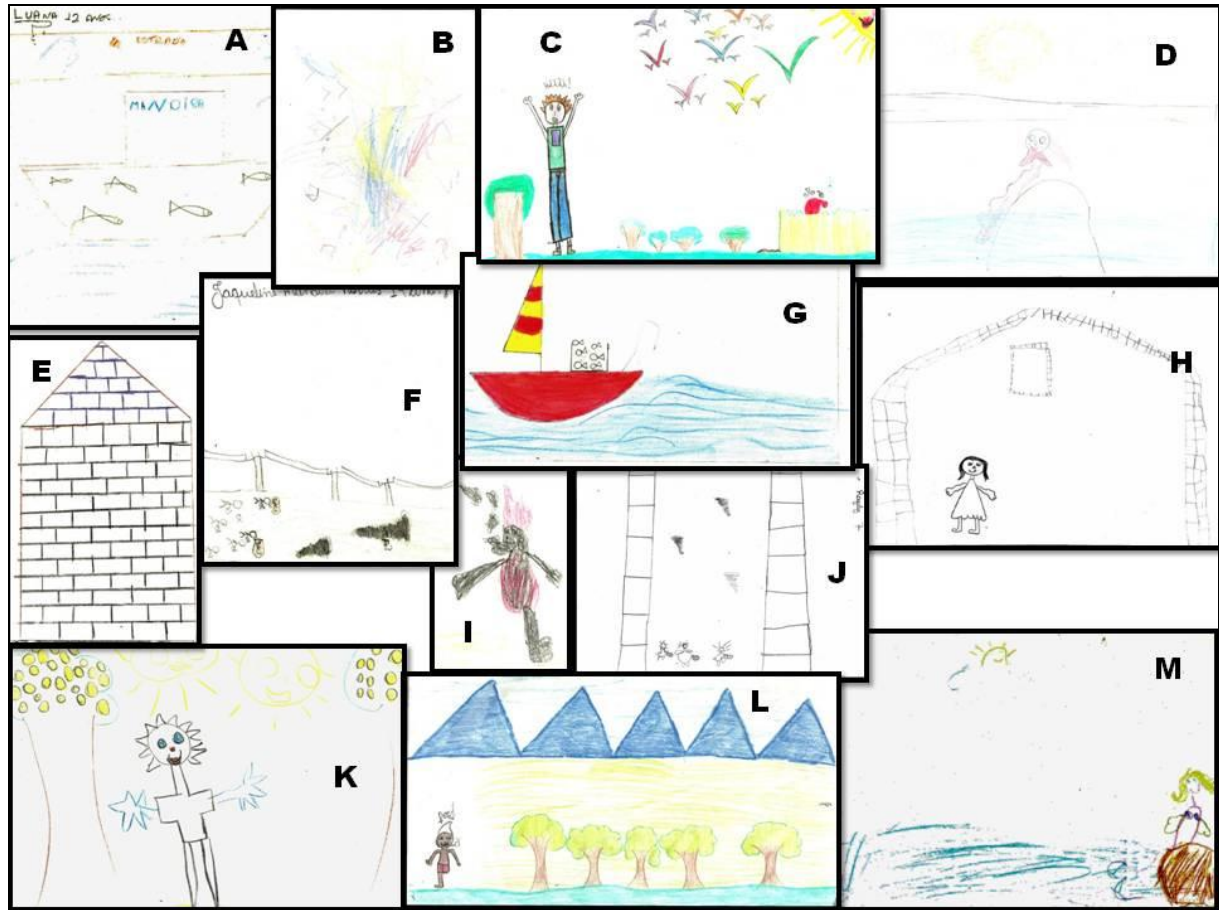


Fonte: Carvalho, 2015

5.2 Aplicação da oficina e elaboração dos mapas

De posse das imagens das paisagens e das informações necessárias para a elaboração dos mapas, foi realizada a oficina de desenho, que contou com a participação de nove crianças da comunidade, que fizeram desenhos e autorizaram que estes fossem usados no presente trabalho. Seguem alguns desenhos na Figura 25 e a explicação de cada um na tabela seguinte:

Figura 25 - Desenhos das crianças do Quilombo do Mandira



Fonte: Desenhos confeccionados pelas crianças da comunidade durante a oficina.

	NOME	IDADE	EXPLICAÇÃO
Desenho A	Luana M. Moraes Floriano	12 anos	Representa a lenda do Saci, na qual Mandiranos pediram ajuda ao Saci na pesca. O desenho representa o barco cheio de tainha e a estrada por onde os pescadores foram atropelados pelo Saci, por não cumprirem a promessa que haviam feito.
Desenho B	Ruan	3 anos	Representando as lendas tradicionais.
Desenho C	Lais Mariano Mandira	8 anos	Representa a lenda do Homem maior do que os abacateiros. Observa-se também a representação de um Saci, à direita do gigante.
Desenho D	Rayely Alana Santos Coutinho	7 anos	Representa uma das lendas contadas pelo Sr. Chico, sobre os seres aquáticos e a Sereia que foi vista pelo seu tio.
Desenho E	Luana M. Moraes Floriano	12 anos	Representa a ruína, também conhecida como casa de pedra, onde foi vista a Mulher de Branco.
Desenho F	Jaqueline Mandira Novaes	14 anos	Representa a estrada e o Saci atropelando os mandiranos, que levavam as tainhas para casa, sem cumprir a promessa de compartilhar com o Saci.
Desenho G	Lais Loiane Santos Coutinho	15 anos	Mais um desenho representando a lenda em que mandiranos pedem ajuda para o Saci e saem com o barco cheio de tainha.
Desenho H	Jaqueline Mandira Novaes	14 anos	Representa a Mulher de Branco na ruína de pedra. Uma das principais lendas da comunidade.
Desenho I	Rayely Alana Santos Coutinho	7 anos	Representando o Saci Saperê.
Desenho J	Rayely Alana Santos Coutinho	7 anos	Representa os mandiranos com tainhas na mão, andando pela estrada, enquanto o Saci os atropela pelo caminho.
Desenho K	Gabriely Mariano Coutinho	6 anos	Representou os abacateiros e o homem gigante, visto na floresta. Os dois sois seriam a iluminação que foi vista juntamente com o homem gigante, no dia do acontecimento.
Desenho L	Jackceliane Mariano Rafael	11 anos	Representou a paisagem local. Nuvens acima da Serra que contorna a comunidade, e no meio da floresta, o Saci com seus assovios.
Desenho M	Rayely Alana Santos Coutinho	7 anos	A sereia do Lagamar sentada na pedra, da qual está prestes a mergulhar.

A oficina ocorreu de forma tranquila e prazerosa, com a participação de todos os presentes, como pode-se observar na Figura 25:

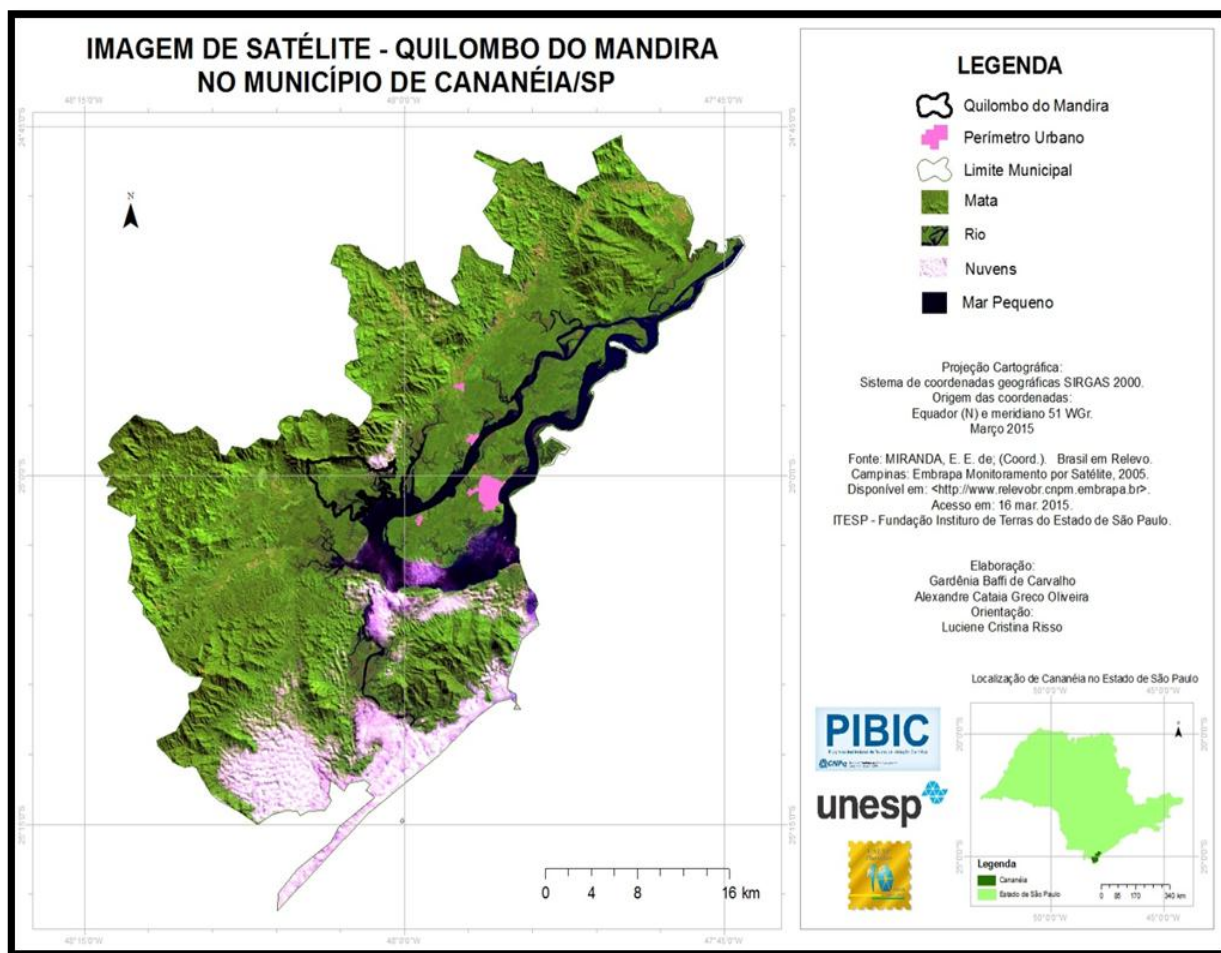
Figura 25 - Oficina de desenho com as crianças do Quilombo do Mandira



Fonte: Risso, 2015

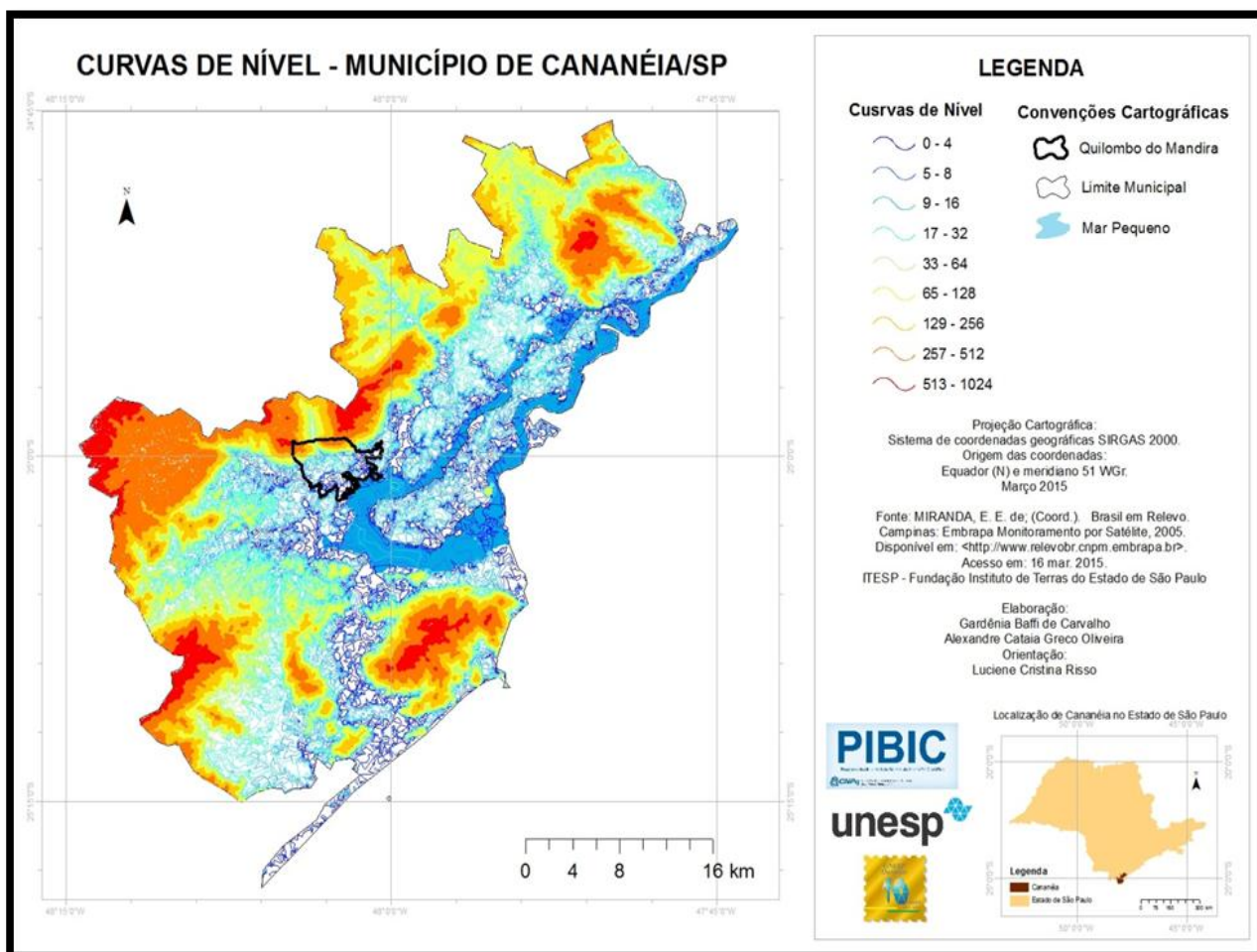
A partir de então iniciou-se a elaboração dos mapas, que serão disponibilizados à comunidade. Primeiramente foram elaborados os mapas de localização do quilombo no limite municipal de Cananéia, tendo como base uma imagem de satélite (Figura 27), além do mapa com as curvas de nível (Figura 27) e a hipsometria (Figura 28), do mesmo limite.

Figura 26 - Imagem de satélite do município de Cananéia e delimitação do Quilombo do Mandira



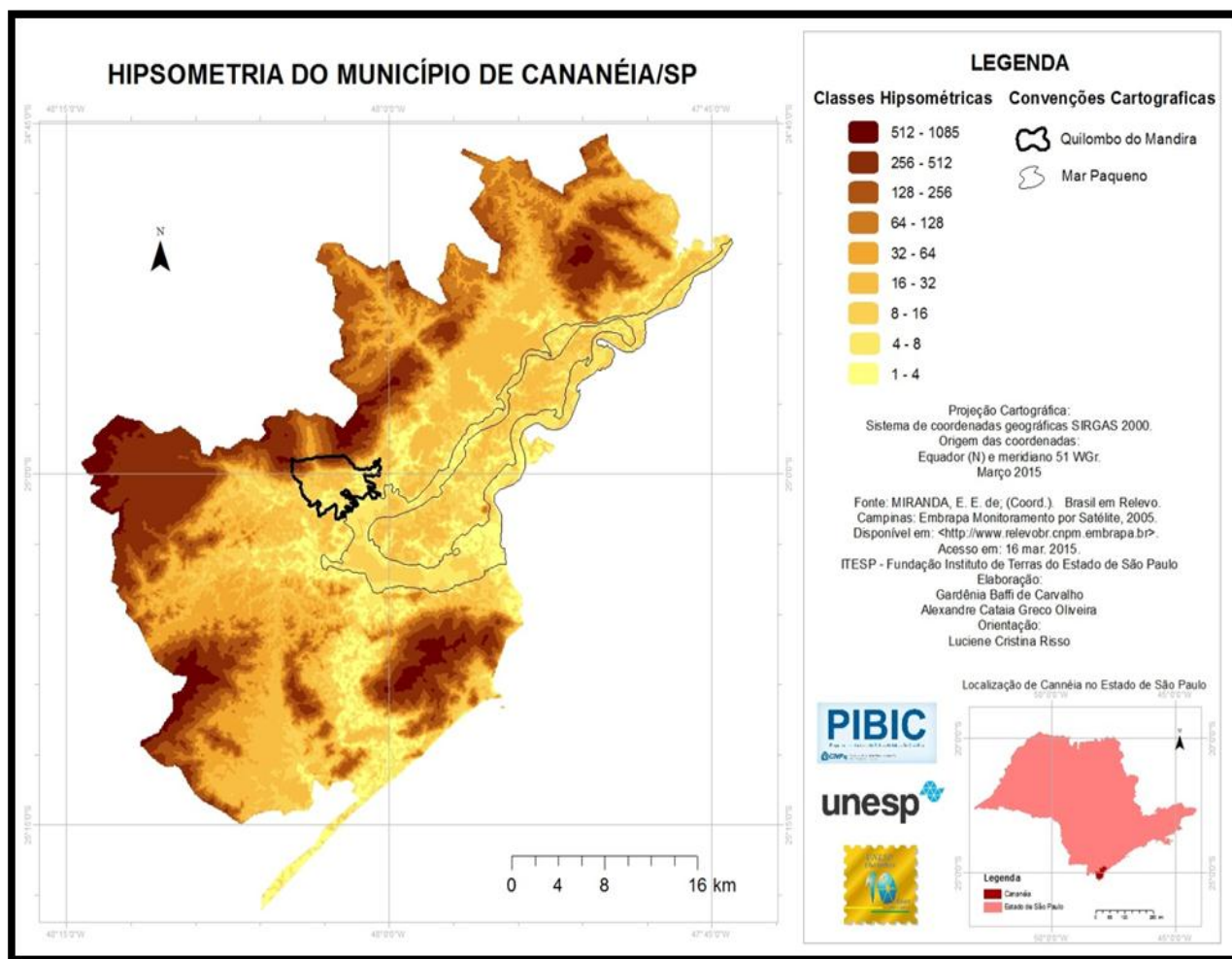
Fonte: Carvalho, 2015

Figura 27 - Mapa das curvas de nível do município de Cananéia e a delimitação do Quilombo do Mandira do Mandira



Fonte: Carvalho, 2015

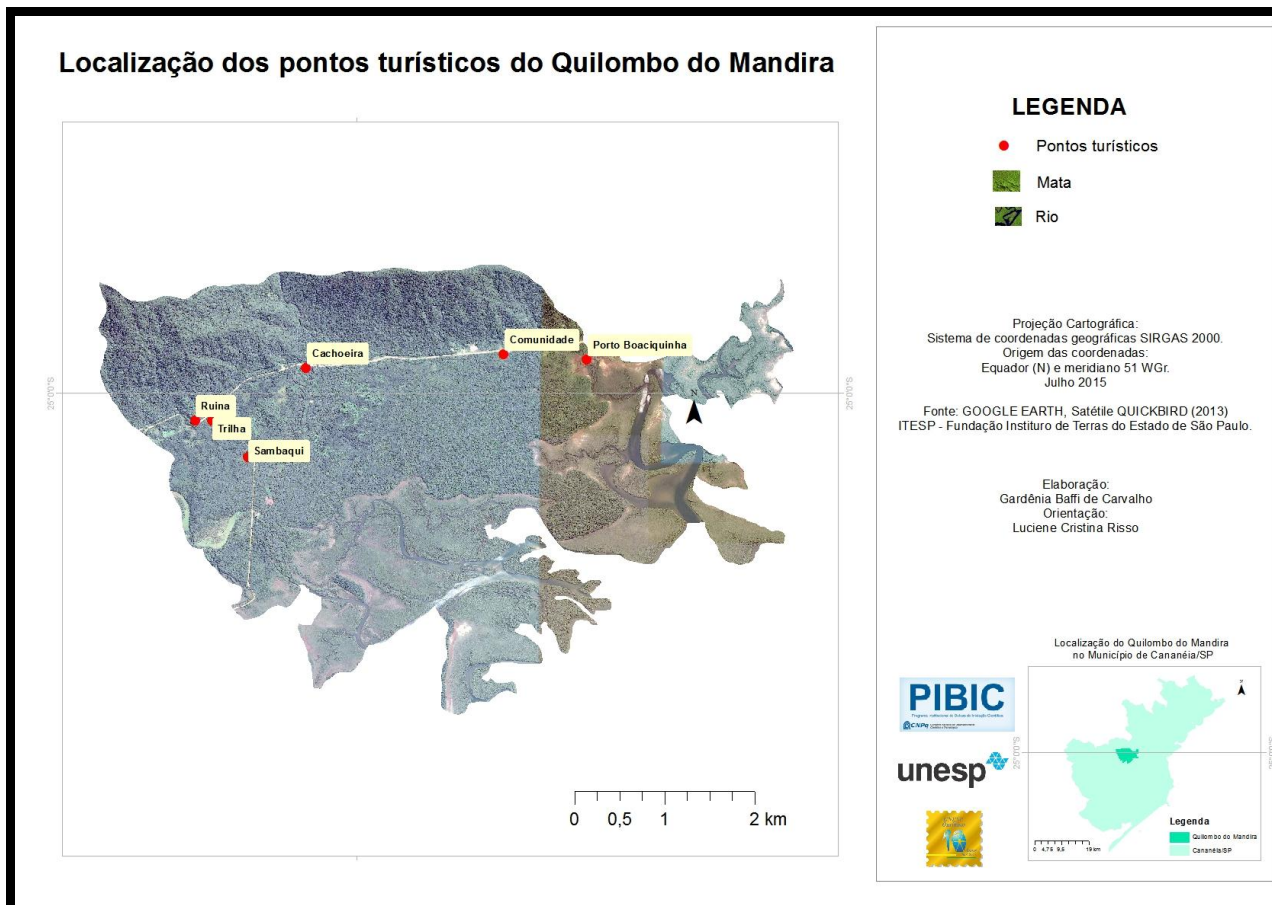
Figura 28 - Mapa hipsométrico da cidade de Cananéia e delimitação do Quilombo do Mandira



Fonte: Carvalho, 2015

A partir da delimitação da terra de Quilombo, disponibilizada pelo ITESP, foi elaborado o mapa dos pontos turísticos, citados pelo Sr. Chico, que fazem parte do roteiro através do qual a comunidade direciona os turistas. Segue o mapa do Quilombo do Mandira e seus principais pontos turísticos (Figura 29):

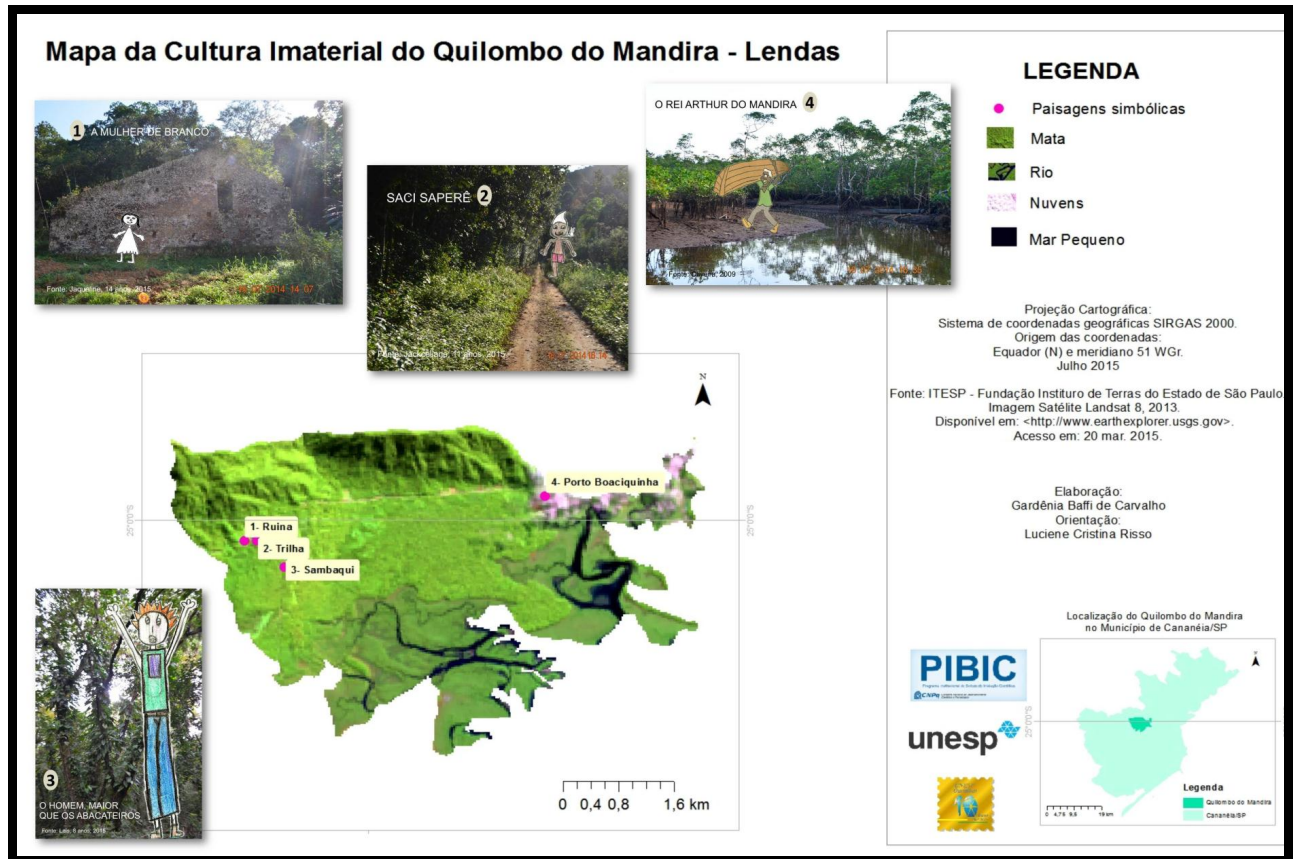
Figura 29 – Mapa da localização dos pontos do roteiro turístico do Quilombo do Mandira



Fonte: Carvalho, 2015

Alguns pontos, como a entrada da comunidade e a cachoeira, de acordo com as informações coletadas, não são palco de nenhuma lenda, por isso não estão presentes no mapa da cultura imaterial, mas com o intuito de elaborar um mapa completo com todos os pontos que possa servir de subsídio ao turismo local, a entrada da comunidade e a cachoeira do rio Mandira estarão presentes (Figura 31). Segue então o Mapa da cultura imaterial (lendas) da comunidade tradicional do Quilombo do Mandira (Figura 30):

Figura 30 - Mapa da Cultura Imaterial com as paisagens simbólicas do Quilombo do Mandira

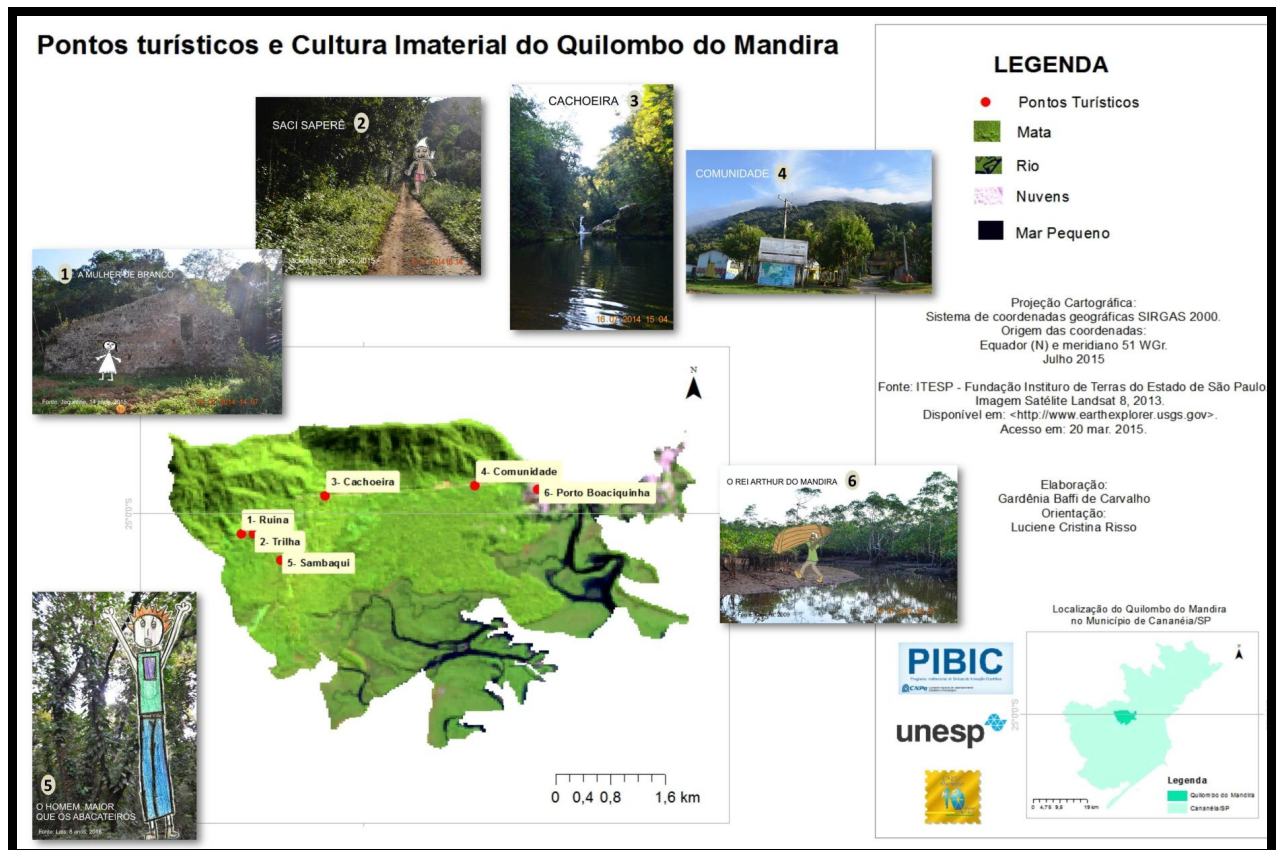


Fonte: Carvalho, 2015

O mapa conta com quatro lendas da comunidade: a lenda do “Homem maior do que os abacateiros”, a lenda da “Mulher de Branco”, a lenda do “Saci Saperê” e a lenda do “Rei Arthur do Mandira”. Para representar as lendas no mapa foram utilizadas fotos das paisagens, tiradas em campo, e inserido o desenho dos seres, personagens principais das histórias, de acordo com os desenhos das crianças da comunidade, que retratam aquilo que existe em seu imaginário. Apenas o desenho do “Rei Arthur do Mandira” foi extraído do livro dos “Contos, Causos e Fatos da Comunidade do Mandira” (OLIVEIRA, 2009), pois não foi obtido nenhum desenho, mas por se tratar de uma paisagem importante do Quilombo e existir uma lenda no local, achou-se conveniente utilizar uma representação já usada e publicada anteriormente.

Por fim, segue o mapa que poderá servir como auxílio para o turismo na comunidade, o mapa que contém as paisagens Naturais e Simbólicas do Quilombo do Mandira.

Figura 31 - Mapa com os pontos turísticos com as lendas integrantes da cultura imaterial do Quilombo do Mandira



Fonte: Carvalho, 2015

No mapa da figura 32 foram adicionados dois pontos que não consideramos como paisagens simbólicas, mas são muito importantes para o turismo na comunidade. Um é a cachoeira, patrimônio natural e principal local visitado, principalmente no verão, o outro é a entrada da comunidade, na qual se localiza a sede da Associação, o local onde estão expostos os artesanatos, o restaurante e as casas da família do Sr. Chico Mandira (a comunidade está no processo de construção da casa de farinha).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho percebe-se que desde meados do século XIX observa-se na história do pensamento geográfico a importância dos aspectos culturais no estudo do espaço. Com o tempo, e ao considerar a paisagem como o principal objeto de estudo da geografia cultural, as concepções vão evoluindo e trabalhos mais atuais sucedem trabalhos que, para alguns, já possuem uma visão ultrapassada. Foi assim com o conceito de paisagem e com a geografia cultural, que passa então a se tornar “nova geografia cultural”, possuindo concepções mais subjetivas em relação à análise da paisagem, destacando a subjetividade embutida nela, que

muitas vezes não conseguimos enxergar, mas existem e interferem de modo significativo na vida dos habitantes de uma comunidade.

Comunidades tradicionais são muito estudadas pelos geógrafos culturais de hoje em dia, uma vez que a sociedade urbana se homogeneizou de tal forma que um estudo cultural não seja tão fácil. Este trabalho, que traz o estudo de uma comunidade tradicional quilombola e caiçara, apresenta um diferencial no âmbito do mapeamento, trabalhando o mapeamento das paisagens simbólicas, o mapeamento cultural, imaterial. Além desse fator, o registro e divulgação das lendas é um exercício de resgate e manutenção da identidade da comunidade, uma vez que faz parte da cultura local. É um exercício de valorização do patrimônio imaterial da comunidade para um autorreconhecimento e um reconhecimento das pessoas que vêm de fora para visitar a comunidade da riqueza cultural que nela existe.

7. REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Vol. 1. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALMEIDA, Fábio Guaraldo. **Terra de Quilombo: arqueologia da resistência e etnoarqueologia no território Mandira, município de Cananéia/SP**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.
- BARBOSA, Jorge Luiz. **Rios, Baías e Continentes: paisagens nas andanças das águas**. In: Ensaios de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, v. 1, n. 1, 2012, p. 60-70.
- BONNEIMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-132.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O Poder do Mito**. São Paulo: Planas Athena, 1990.
- CHIQUEIRO, Cleber Rocha. **Saberes caiçaras: a cultura caiçara na história de Cananéia**. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2007.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 3ª ed. 2007.
- CLAVAL, Paul. Campo e perspectivas da geografia cultural. **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 133-186.
- CLAVAL, Paul. Reflexões sobre a geografia cultural no Brasil. In: **Espaço e Cultura**, n. 8, 1999, p. 7-29.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A PAISAGEM GEOGRÁFICA: UMA BIBLIOGRAFIA. In: **Espaço e Cultura**, n. 4, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 50-54.
- CORRÊA, Roberto Lobato. DENIS COSGROVE—A PAISAGEM E AS IMAGENS. **Espaço e Cultura**, n. 29, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 7-21.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/Contribuicoes/Geografia_Cultural.htm>. Acesso em: 06 jan. 2015.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 136-146.
- COSGROVE, Denis E. **Geography and vision: seeing, imagining and representing the world**. New York: IB Tauris, 2008.

COSGROVE, Denis E. **Social formation and symbolic landscape**. London: Croom Helm, 1984.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.

COSGROVE, Denis. Idéias e cultura: uma resposta a Don Mitchell. In: **Espaço e Cultura**, Ed. Comemorativa, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 107-109.

COSGROVE, Denis. Mundo de Significados: Geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, p. 33-57.

COSGROVE, Denis. Prospect, perspective and the evolution of the landscape idea. In: **Transactions of the Institute of British Geographers**, 1985, p. 45-62. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/622249?sid=21105725266663&uid=2134&uid=60&uid=3&uid=2489111473&uid=3737664&uid=2489111463&uid=2&uid=70>>. Acesso em 03 jan. 2015.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo: Editora Convívio, 1975.

DIEGUES, Antônio Carlos et al. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP/PROBIO-MMA/CNPq, 1999.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec, 1998.

DION, Sylvie. A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. **Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. Londrina, nº 6, p. 1-13, 2008.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. trad. CA Brito, Lisboa: Edições 70, 1995.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 5 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

FILHO, Fadel David Antônio; DEZAN, Maria Dalva de Souza. **Metodologias de pesquisa e procedimentos técnicos: considerações para o uso em projetos de pesquisa em geografia**. In: CLIMEP – Climatologia e Estudos da Paisagem, n.2, Rio Claro, 2009, p. 79-82.

FREIRE, Janaína Mourão. **Seringueiros do Acre: Imaginário e Paisagem Cultural**. In: CEPIAL – Congresso de cultura e educação para integração da América Latina, III, Curitiba, 2012, p. 1-22.

GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GOUVEIA, José Mariano Caccia. **A métrica da sustentabilidade na perspectiva da geografia: aplicação e avaliação do Painel da Sustentabilidade (Dashboard of Sustainability) na comunidade quilombola do Mandira-Cananéia/SP**. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, 384 pág.

ICMBio. **Plano de Manejo Participativo Reserva Extrativista do Mandira. Cananéia/São Paulo**, 2010. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/Plano%20Manejo%20Mandira%202010.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2015.

INSTITUTO SOCIO AMBIENTAL. **Reserva Extrativista**. Disponível em: <<http://uc.socioambiental.org/uso-sustent%C3%A1vel/reserva-extrativista>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio imaterial: fortalecendo o Sistema Nacional** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília: IPHAN, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Joge Zahar Editora, 2001.

MAGDALENA, B.C at al. Bairro Mandira. In: CHIQUINHO, C. R. **Saberes caiçaras: a cultura caiçara na história de Cananéia**. São Paulo: Páginas e Letras Editora e gráfica, 2007, p. 63-76.

MANDIRA, Francisco. Sr. Chico Mandira: depoimento [jul. 2014]. Entrevistadores: Gardênia Baffi de Carvalho, Luciene Cristina Risso, Yume Kikuda Silveira. Ourinhos: UNESP – Ourinhos, 2015. 1 gravador digital de voz. Entrevista concedida no bairro do Mandira, Cananéia-SP ao Projeto de Pesquisa Mapeamento da Cultura Imaterial na Comunidade dos Mandira – Cananéia-SP.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. **Consulta Pública – RESEX**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/consulta-resex>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

MOREIRA, Fernanda Accioly. **História do subúrbio Vila Pirajussara**. Produção e Reprodução do Espaço Urbano. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, v. 12, Pará, 2007.

OLIVEIRA, T. M. **Contos, causos e fatos da Comunidade do Mandira**. Registro-SP: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2009.

PERDOMO, Hernán Javier Díaz. Paisaje, mediador entre el entorno y las culturas. In: LOBATÓN, Susana Barrera; HERNÁNDEZ, Julieth Monroy. **Perspectivas sobre el paisaje**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas: Jardín Botánico José Celestino Mutis, 2014, p. 161 a 185.

RISSO, Luciene. **A TERRITORIALIDADE QUILOMBOLA DOS “MANDIRA” NA RESERVA EXTRATIVISTA DE MANDIRA (SP), BIOMA MATA ATLÂNTICA**. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos, VII, 2014, Vitória/ES. Disponível em: <http://www.cbge2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403098448_ARQUIVO_trabalhocompletoeng2014.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

RISSO, Luciene C. **Paisagem, cultura e desenvolvimento sustentável: um estudo da comunidade indígena Apurinã na Amazônia brasileira**. (Doutorado em Geografia). Rio Claro: UNESP, 2005.

RISSO, Luciene Cristina. PAISAGENS E CULTURA: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e Cultura**, n. 23, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 67-76.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANSOLO, Davis; BURSZTYN, Ivan. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 76-91.

SANTOS, Kátia M. Pacheco; TATTO, Nilto. **Agenda socioambiental de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira**. Instituto Socioambiental, São Paulo, 2008, p. 167-175.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. In: **R. RA'E GA, Curitiba**, n. 7, p. 79-85, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA GOVERNO DO PARANÁ. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

SILVA, Anderson Costa; FILHA, M. de Lourdes Macena. **O que fica de minha Avó – Registro de lendas e mitos populares de um bairro de Fortaleza na atualidade**. In: XVI Congresso Brasileiro de Folclore, UFSC - Florianópolis, 2013, p. 1-8.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. Interações entre a Carstologia e a Geografia Cultural. In: **RA'EGA O espaço geográfico em análise**, Curitiba, Departamento de Geografia - UFPR. 2012, p. 95-154.

TURATTI, M. C. M. **Relatório técnico-científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de Mandira/Cananeia-SP**. SP, 2002. Disponível em: <http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes rtc/RTC_Mandira.pdf> Acesso em: 20 mar. 2015.

UNESCO. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

ANEXOS**Anexo 1:** Autorização de utilização da entrevista

Autorização

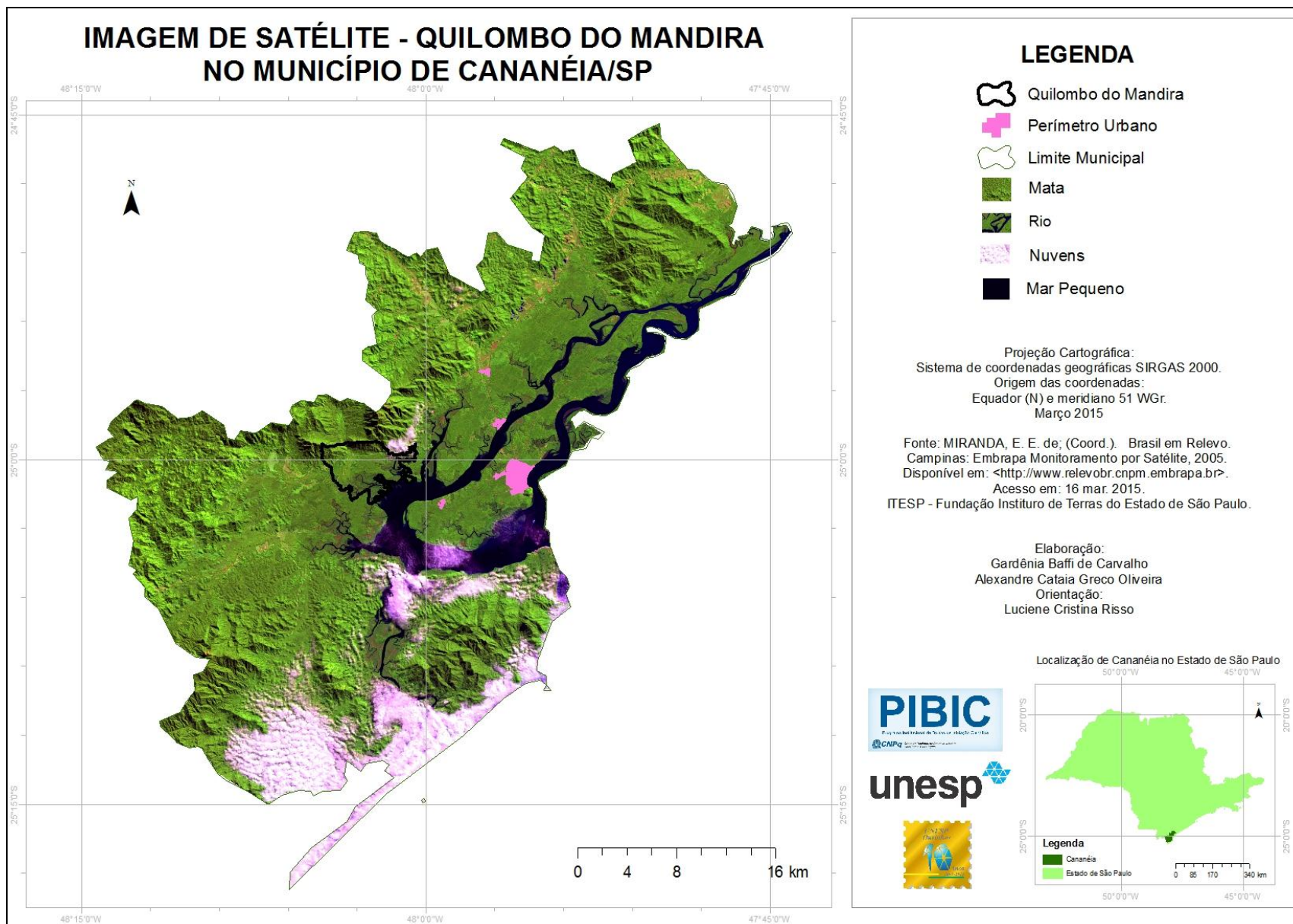
Eu, FRANCISCO DE SALES CONTINHO MANDIRA,
CASADO (estado civil), RG: 16883376, declaro
para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada na data
(17/07/15) para a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" –
UNESP, realizada pela pesquisadora Gardênia Baffi de Carvalho usá-la
integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,
desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e
usar citações, ficando vinculado o controle à UNESP que tem guarda da
mesma.

Cananéia, 17 de julho de 2015.

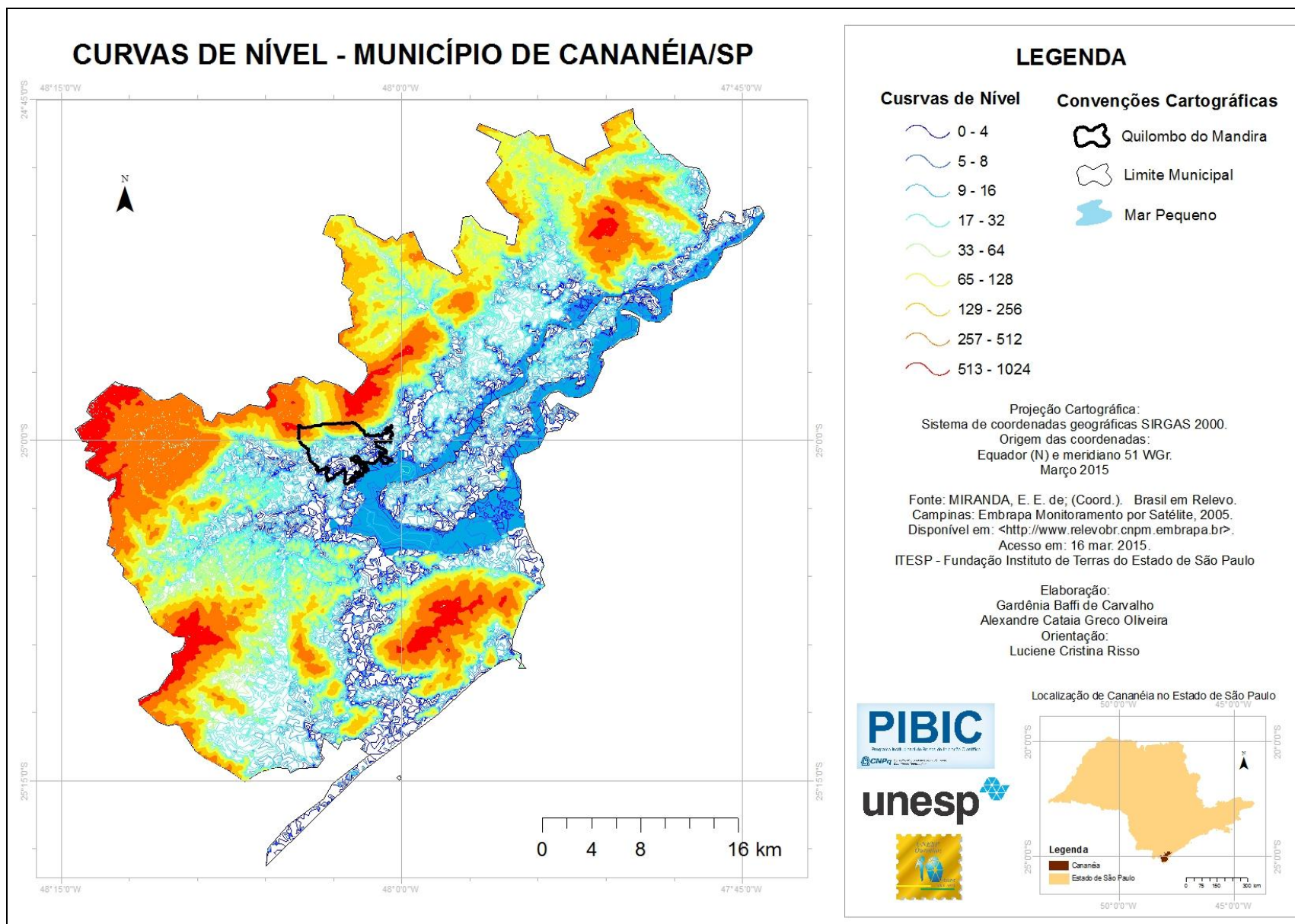
FRANCISCO MANDIRA
(nome)


(assinatura)

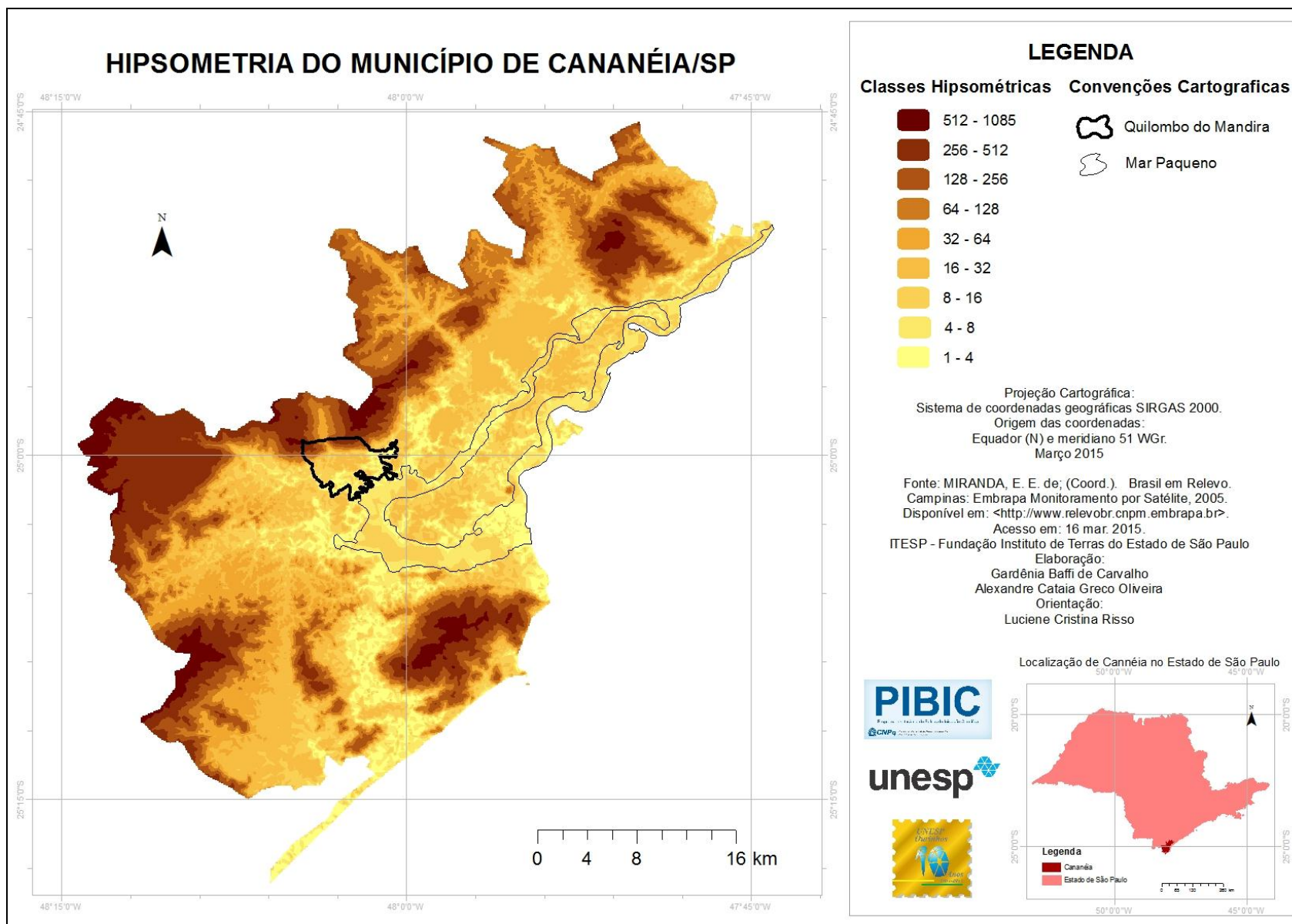
Anexo 2: Figura 27



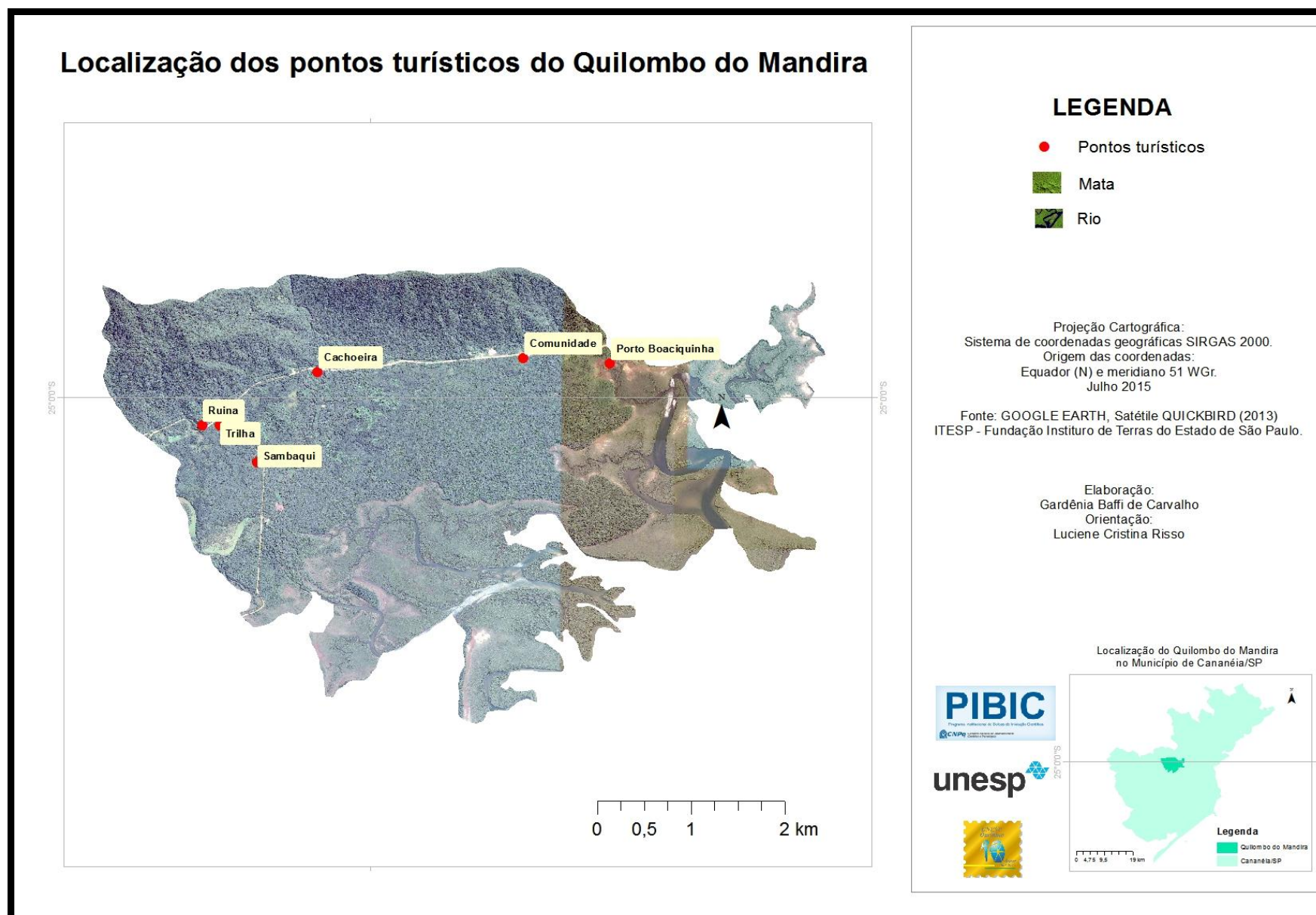
Anexo 3: Mapa da figura 28



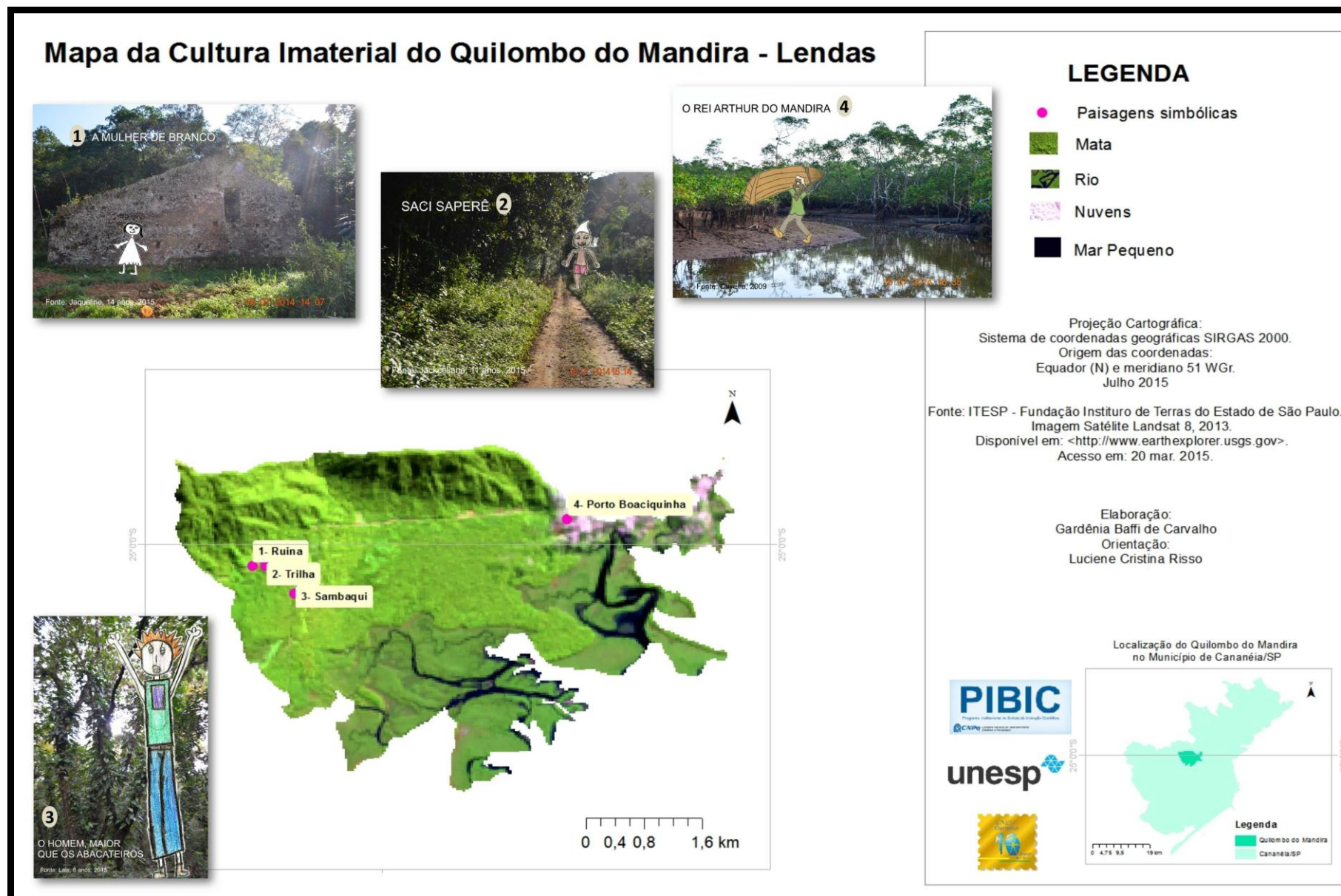
Anexo 4: Mapa da figura 29



Anexo 5: Mapa da figura 30



Anexo 6: Mapa da figura 31



Anexo 7: Mapa da figura 32

